



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL – UFFS

CAMPUS ERECHIM

CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

MARCEANE CATIA SANTOLIN BISCARO

**A HERANÇA MATERIAL E IMATERIAL: O LEGADO INTOCÁVEL DE
FREI TEÓFILO ANTONIAZZI A PARTIR DE RELATOS DA SUA
TRAJETÓRIA PERCORRIDA NO MUNICÍPIO DE MACHADINHO/RS.**

ERECHIM

2017

MARCEANE CATIA SANTOLIN BISCARO

**A HERANÇA MATERIAL E IMATERIAL: O LEGADO INTOCÁVEL DE
FREI TEÓFILO ANTONIAZZI A PARTIR DE RELATOS DA SUA
TRAJETÓRIA PERCORRIDA NO MUNICÍPIO DE MACHADINHO/RS.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Licenciatura em
História, da Universidade Federal da
Fronteira Sul, como requisito parcial para
diplomação no curso de Licenciatura em
História.

Orientadora: Profa. Msc. Caroline Rippe
de Mello Klein

ERECHIM

2017

MARCEANE CATIA SANTOLIN BISCARO

A HERANÇA IMATERIAL: O LEGADO INTOCÁVEL DE FREI TEÓFILO ANTONIAZZI A PARTIR DE RELATOS DA SUA TRAJETÓRIA PERCORRIDA NO MUNICÍPIO DE MACHADINHO/RS

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em História da Universidade Federal da Fronteira Sul

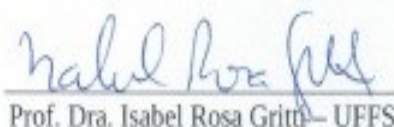
Orientadora: Profa. Msc. Caroline Rippe de Mello Klein

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 24/05/2017.

Banca examinadora:



Profa. Msc Caroline Rippe de Mello Klein – UFFS



Prof. Dra. Isabel Rosa Gritto – UFFS



Profa. Msc. Márcia Carbonari - UFFS

AGRADECIMENTOS

Em meio aos grandes desafios de retomar a vida acadêmica na busca pelo conhecimento, chegar até aqui e realizar este trabalho como meta final de formação e aprendizado, só foi possível graças ao auxílio de pessoas muito importantes que em diversos momentos estiveram ao meu lado dando-me apoio e incentivo para persistir frente às dificuldades encontradas e os desafios lançados, mostrando-me que era possível vencer a correria do dia a dia, conciliar trabalho, estudo e família.

Meu primeiro agradecimento é dedicado a Deus, que me forneceu energias e caminhos para chegar até aqui.

Agradeço imensamente aos meus pais que com muita humildade ensinaram-me que nunca seria tarde para realizar nossos sonhos e que com determinação eu venceria este desafio.

Aos mestres e doutores do curso que ao abrir grandes leques de discussões permitiram uma percepção ampla de mundo e aprendizado, bem como as fontes entrevistas, que foram ferramenta essencial para as análises propostas.

Um agradecimento mais que especial a minha Orientadora, Prof. Caroline, que prontamente me auxiliou em cada etapa deste trabalho, dedicando seu tempo com grande tenacidade e consideração.

Aos meus colegas de turma e amigos que conquistei, especialmente á Bruna Baldin, que na forma de apoio sempre ajudou-me nos momentos de recaídas e necessidades e que de forma leal sempre esteve ao meu lado.

Ao meu querido marido Silmar, que não só me faz feliz, mas também foi um ponto de apoio durante os longos quatro anos e meio, meu alicerce de opiniões e desabafos durante a vida acadêmica, sendo compreensivo, parceiro, fonte de ânimo e mais que isso, acreditando em mim, nos meus sonhos e que esse tão esperado dia chegaria.

A todos o meu muito obrigado.

RESUMO: Estudar e conhecer a história local e mantê-la viva na memória de um povo é recontá-la a cada dia, concebendo novas descobertas, construindo uma identidade, promovendo uma questão de pertencimento e valorização da própria história. Partindo de uma dinâmica que dialoga com diferentes métodos analíticos, este estudo é baseado na tentativa de compreender a Trajetória de Frei Teófilo Antoniazzi no município de Machadinho/RS, bem como seus feitos enquanto líder religioso e homem público, que mesmo após a sua morte provoca grande estima na memória da população local. Tal análise é apresentada a partir de pesquisas bibliográficas, acesso a acervo documental, utilização do mecanismo da História Oral com centralização na Micro História. Tomando o patrimônio material e imaterial como parte desta construção e algumas formas de conservação como meio de preservação da memória, a elevação do Museu Mirante Torres, traduz por meio dos objetos expostos o apreço pela figura do Frei e a sua singularidade reverenciada. Posto isto, é possível descrever a sua representatividade por meio dos relatos proferidos, sua imortalização frente às materialidades edificadas e a herança imaterial concebida ao povo que o evoca como um grande homem e líder na comunidade.

Palavras-chave: Memória, Religiosidade, História oral.

ABSTRACT: Studying and learning about local history and keeping it alive in the memory of a people is to recount on it every day, conceiving new discoveries, building an identity, promoting a question of belonging and appreciation of History itself. Starting from a dynamic that dialogues with different analytical methods, this study is based on the attempt to understand the Frei Teófilo Antoniazzi trajectory in the Machadinho / RS municipality, as well as his achievements as religious leader and public man, who even after his death causes esteem in the memory of the local population. This analysis is presented through bibliographic research, access to some collections, use of the Oral History with special attention on Micro History. Taking the material and immaterial patrimony as part of this construction and some forms of preservation as a means of preserving memory, the elevation of the Mirante Torres Museum translates through the objects exhibited the appreciation for the figure of the Frei and his revered singularity. Having said this, it is possible to describe their representativeness through the reports they have given, their immortality in the built materiality's and the intangible heritage conceived of the people who evokes him as a great man and leader in the community.

Keywords: Memory, Religiosity, Oral History.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|-------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1 – Mapa de Localização de Machadinho | 19 |
| Figura 2 - Primeiras construções em Machadinho..... | 22 |
| Figura 3 - Machadinho como Distrito de Lagoa Vermelha | 23 |
| Figura 4 - Colégio das irmãs..... | 26 |
| Figura 5 - Construção do Hospital..... | 27 |
| Figura 6 - Planta da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário..... | 28 |
| Figura 7 - Vendaval em 15 de junho de 1966..... | 30 |
| Figura 8 - Foto atual da Igreja Matriz..... | 31 |
| Figura 9- Entrada do Museu | 59 |
| Figura 10 - Teto da Igreja com rachaduras / Paredes do ambiente interno | 61 |
| Figura 11 - Vista durante a visitação | 62 |
| Figura 12- Objetos pessoais de Frei Teófilo | 62 |
| Figura 13 - Objetos pessoais de Frei Teófilo – T nica..... | 63 |
| Figura 14 – Entrada/ Inicia a história /Momentos marcantes | 66 |
| Figura 15 - Objetos pessoais de Frei Teófilo | 67 |

SUMÁRIO

| | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| INTRODUÇÃO..... | 09 |
| CAPÍTULO 1 – UMA BREVE HISTÓRIA DE MACHADINHO | 19 |
| 1.1 A EVOLUÇÃO DO MUNICÍPIO E A PRESENÇA DA RELIGIÃO CATÓLICA ... | 24 |
| 1.1 OBRAS E FEITOS PROJETADOS POR FREI TEÓFILO NO MUNICÍPIO DE MACHADINHO..... | 26 |
| CAPÍTULO 02 - O USO DA HISTÓRIA ORAL COMO FONTE HISTÓRICA..... | 33 |
| 2.1. A REPRESENTAÇÃO DO FREI TEÓFILO..... | 24 |
| 2.2. A HISTÓRIA NARRADA PELO FREI | 41 |
| 2.3. A HERANÇA IMATERIAL E A REDE DE SOCIABILIDADE | 48 |
| CAPÍTULO 3 - O MUSEU COMO UM ESPAÇO DA PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA E A NARRATIVIDADE..... | 51 |
| 3.1. A CRIAÇÃO DO MUSEU MIRANTE TORRES | 53 |
| 3.2. A EXPOGRAFIA MUSEOGRÁFICA E O MUSEU MIRANTE TORRES..... | 55 |
| 3.3. SITUAÇÃO DOS ACERVOS E TÉCNICAS GERAIS DE CONSERVAÇÃO..... | 57 |
| 3.4. O MUSEU MIRANTE TORRES E A SUA HERANÇA | 65 |
| CONCLUSÃO..... | 69 |
| REFERÊNCIAS ORAIS | 73 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 74 |
| ANEXOS..... | 78 |

INTRODUÇÃO

A religião católica historicamente fez parte do processo de formação de fiéis em inúmeras cidades brasileiras e neste contexto dois fatores são expressivos. Um deles trata de instrumentos utilizados pela Igreja que viabilizam a integração social por meio de ações que determinam o modo que virá ser tal sociedade. O outro tem relação direta com o já citado, pois faz do padre a referência no cotidiano da cidade, locais onde ele vivencia suas ações gerando relações entre a religião e o povo.

Nas primeiras décadas do século XX ocorreu um fortalecimento da instituição da Igreja Católica. Em todo o país, houve o aumento de instituições de ensino, tais como as escolas católicas, além de restabelecer a disciplina de ensino religioso na rede pública. Paiva (2003) em seu livro trabalha a questão da relevância da Igreja Católica como instituição de ensino, fazendo uma trajetória de D. Leme e observa que foi realidade a consolidação da igreja católica regida pela política da República Velha e a Era Vargas, sendo que a igreja daquele período destacava seus objetivos:

O que existe é um movimento numa direção clara de maior atuação que se traduz por seus esforços em manter, e mesmo ampliar, sua esfera de influência na ordem social brasileira. Os esforços de D. Leme são todos nessa direção, culminando com a reforma educacional de Vargas de 1934, que restabelece o ensino religioso nas escolas públicas do país. Por conseguinte, a Igreja se vale de um Estado cada vez mais regulador e centralizador para a manutenção de suas prerrogativas de religião oficial do país. (PAIVA, 2003:58).

As ideias a cerca da prática católica permeiam ações mais significantes como caritativas e paternais do que educativas propriamente ditas, um sentido transformador: “Nessa visão de mundo, o pobre [da primeira metade do século XX] era visto como objeto de caridade e motivava uma prática assistencialista [...]” (PAIVA, 2003, p. 66). Para isso o padre projeta e constrói uma visão de mundo junto à sociedade em que atuava, de modo a relacionar-se com seu projeto viabilizando instrumentos com o objetivo de reforçar a integração social.

A partir do apontamento destes fatores propõe-se o caminho inicial para alcançar o desígnio deste estudo, mais precisamente destacar a trajetória de Frei Teófilo Antoniazzi, vigário da Paróquia Nossa Senhora do Rosário de Machadinho – RS,

nomeado pela Diocese de Vacaria, no mesmo estado, no ano de 1943. Determinado espaço temporal faz um recorte desde os registros históricos e bibliografias que contem os primeiros passos da localidade até a vinda, permanência e morte do Frei, partindo da concepção que emerge da crença de que é no interior das relações sociais que se constituem a partir de experiências de vida a revelação do tamanho de envolvimento da instituição religiosa na formação da sociedade.

É oportuno mencionar que tamanha estima tenha desencadeado reflexos mencionados neste momento de forma superficial, mas que serve para resposta temporal a este estudo. O Município de Machadinho dispõe de inúmeros atrativos turísticos, que porventura possam ter emergido dos reflexos de característica ligada ao empreendedorismo iniciado por Frei Teófilo. São cascatas, museus, culinária típica, festas étnicas, lagos, setor de hospedagem e as exuberantes Termas Machadinho, um complexo de piscinas de águas naturais com propriedades terapêuticas que vertem naturalmente a uma temperatura de 45 graus. Com um trabalho voltado ao lazer e turismo o município recebe visitantes diariamente, injetando e movimentando o setor econômico da localidade.

Para tanto, a figura de Frei Teófilo é evidenciada como amostra da história local. O Museu Mirante Torres localizado na Igreja Matriz, na Avenida Independência, em frente a principal Avenida que leva o seu nome, Avenida Frei Teófilo, possibilita uma vista exuberante da paisagem natural. O topo da torre permite dar um giro completo visualizando todos os lados da extensão do município: a praça da Matriz; o Monumento Frei Teófilo, estátua que representa a sua imagem; parte da represa do Lago da Usina Hidroelétrica Machadinho bem como demais espaços públicos, ruas e casas da cidade. Por meio de inúmeros degraus, 136 mais precisamente, é possível acompanhar a ativa presença do venerado Teófilo em quase todos os feitos ali expostos. Mas em meio a esta subida pelos alicerces da união do povo, que junto com ele construiu a própria Igreja sem mesmo dispor de recursos financeiros para isso, mobilizando a comunidade para juntos edificar a casa de Deus, após 29 degraus encontram-se expostos alguns de seus bens guardados, como forma de preservar a sua memória, parte do vestuário, objetos religiosos, utensílios pessoais e instrumentos de vida e trabalho. Ainda percorrendo os degraus superiores a história vai sendo contada e ilustrada por meio de imagens.

Nesta perspectiva particular, local e fundida a micro-história é que se dará a abordagem de estudos, por meio de revisões bibliográficas existentes e aliada a utilização da história oral, abordando a fonte oral como forma de acrescentar uma aproximação da história e da memória, uma dimensão mais viva e intensa, remontando novas perspectivas com relação a historiografia, pois muitas vezes há essa necessidade por parte do historiador utilizando-se desta prática importante que faz parte de uma historiografia contemporânea.

De ante mão é possível deduzir que esta análise poderia tender para um viés religioso, relacionado a instituição católica e suas diretrizes, já que Frei Teófilo representou esta entidade, mas o que se propõe de fato é ampliar esse olhar apontando sim para os feitos frente a liderança religiosa, mas mais que isso o embasamento e a proposta desta pesquisa visa conhecer e analisar a trajetória do Frei em uma vereda política por meio da oralidade e arquivos documentais que descrevam o imaginário e a representação de um líder de grande carisma que participou ativamente do processo desenvolvimentista de Machadinho e deixa como legado uma imensurável estima que possa ser apresentada por meio do sentimento e imaginário do indivíduo que viu sua história se edificar e para aqueles que herdaram tamanha consideração.

Seguindo uma proposta que contemple o estudo, ao analisar a sociedade de Machadinho (RS), a elucidação de Silva (2011) vai ao encontro do que diz em relação às análises frente à evolução da sociedade, seja mediante os conflitos ou não, modificou a forma de pensar, iniciando pela questão do progresso que sofreu modificações diante das novas perspectivas saindo da centralidade do indivíduo para o termo desenvolvimento que carrega consigo o estado e a coletividade, um conceito ideológico, e por sua consequência pode ter criado o subdesenvolvimento que inferiorizou a maioria da população. Esse desenvolvimento hierárquico é desconstruído a partir da valorização do indivíduo e da sua própria cultura.

Ao se deparar com o conceito de desenvolvimento, é possível relacioná-lo a condições econômicas favoráveis, e esta seria a maneira mais comum de definir o termo. Mas é possível discutir o assunto de uma forma bem mais ampla, considerando questões físicas, mentais e sociais que o levam muito além de bens materiais, sendo possível observar que sua “implantação” possibilita transformações e impactos não

pensados somente economicamente, mas também no meio cultural, político, social e ambiental por meio de ações que ponderem todos esses valores. Sendo assim uma consideração oportuna neste trabalho é mencionar a definição de patrimonialização que propicia a ação que fomenta o desenvolvimento por meio da valorização e regeneração de certa cultura e por meio de seu patrimônio cultural.

Ainda, Silva (2011) atenta para a distinção entre o patrimônio cultural e palavra cultura propriamente dita, sendo respectivamente, um permanente e o outro em contínua transformação. Neste sentido surgem as designações de patrimônio cultural desencadeando categorias do material e imaterial. É nesta perspectiva que políticas públicas protegeram e valorizaram os bens móveis e imóveis bem como a ampliação do patrimônio cultural que passou a valorizar a diversidade de cultura.

Entendendo que a patrimonialização do bem cultural material, não tenha um caráter unicamente pensado na exploração monetária e econômica, mas que possa valorizar de forma social e simbólica, de maneira expressiva, através da cultura, e por meio de fonte educativa, o conceito do imaterial casa com esta emblemática análise, já que constituem tal conceito, representações, expressões, técnicas e conhecimento associado a instrumentos ou lugares que permitam que comunidades e grupos reconheçam a parte integrante de sua história e patrimônio cultural.

Cabe mencionar os apontamentos de Horta que atenta para a preocupação que se tem em conservar ou preservar evidências do patrimônio de forma material, que segundo ela [...] “são meros suportes materiais da cultura [...]” (HORTA, 1999, p. 18) deixando de lado a interpretação por meio de análises sobre o seu significado. A conservação do patrimônio material pode apenas servir como coleção de figurinhas se o exercício do estudo cultural de determinado objeto não for praticado, como este ou aquele elemento está inserido, de que forma se relacionam. Com isso é necessário fazer uma leitura de interpretação, uma ‘leitura crítica’, explorando o potencial de forma global, sendo ferramenta importante a análise da vida cotidiana na procura de um *locus* na memória que pode-se ter esquecido com uma visão voltada a situações que passam despercebidas ou até então não são consideradas como importantes.

Provocando está consideração no direcionamento do imaterial, servido também pelo patrimônio cultural que as abordagens devem ser dadas de forma investigativa, com lentes voltadas para pequenos detalhes, situações, comportamentos.

Considerando o apontamento de Revel, no prefácio da Obra a *Herança Imaterial* de Giovanni Levi, “[...] o social não é um objeto definido, mas que deve ser construído a partir de interrogações cruzadas [...]” (LEVI, 2000, p. 36) propõe-se a análise frente a este projeto. As condições econômicas, estrutura das famílias, regras na sociedade, comportamentos e sobre tudo o papel político no então município de Machadinho, rompendo a imobilidade e modificando-se no decorrer do tempo com a presença marcante do líder religioso.

A narrativa de Levi (2000) servirá como norteador para investigações temporais e estruturais para que os acontecimentos ao longo da trajetória de Frei Teófilo possam ser compreendidas, uma análise e comparativo a cerca do poder dado como recompensa ao indivíduo que propositalmente ou não, explora a situação emergida no movimento da sociedade. Uma emblemática figura, configurada como líder e consagrada como homem indispensável.

Como provocação para o entendimento é necessário mesmo que de forma sucinta, mencionar as características físicas e simbólicas que permeiam a congregação da qual instituiu a formação de Frei Teófilo. Aqui trata-se da congregação Franciscana, oriunda do Santo São Francisco de Assis e seus seguidores que usaram vestimentas distintas dos pobres de seu tempo, contemplando um caráter carregado de significados teológico espiritual, sendo uma unidade religiosa dividida em três ordens: A primeira dos Frades Menores (esta em destaque deste estudo que origina ao longo do tempo os capuchinhos), a segunda de Santa Clara e a terceira Franciscana secular.

Mesmo que a veste Franciscana fosse singela, assim como a de Frei Teófilo, destaca-se a característica da congregação que utiliza o cordão com três nós que representam castidade, obediência e pobreza, uso sinal bíblico e símbolo antigo do tau, sinal vital e cheio de mistério que recorda tempo e eternidade, luz, palavra, verdade, poder e força da mente e ainda o terço que designa oração e é um instrumento para realizá-la.

A partir deste breve conhecimento a cerca das vestes que acompanhavam Teófilo Antoniazzi como Frei, destaca-se o seu importante papel de líder na sociedade. Uma figura singular e determinante na construção do que hoje é intitulado Município de Machadinho, com participação significativa de sua intervenção frente a todo o crescimento econômico, social e cultural da cidade. Um líder político, popular que com sabedoria conduziu uma significativa etapa de desenvolvimento.

Partindo do pressuposto de que o passado não está totalmente escrito e somos parte de lacunas que ao longo do tempo permanecem abertas, a sociedade está sempre em processo de construção e com isso somos sujeitos da nossa própria história, este sentido de valorização e perpetuação de seu papel na comunidade local, vem de encontro com o desígnio de estudar e analisar o dia-a-dia do Frei, seus hábitos, sua trajetória, e utilizando-se da herança no imaginário e lembrança do povo, eternizá-lo como forma de manter viva a sua identidade e influência desenvolvimentista. Uma figura simples, que com todo o seu recato, participou dos desbravamentos e construiu alicerces que fundamentaram a municipalização da cidade e provocaram um crescimento alicerçado na figura do líder promovendo a união do povo.

Por conseguinte, conhecer ou estudar a história local, de forma simbólica e mantê-la viva na memória de um povo é recontá-la a cada dia, fazendo novas descobertas, disseminando sonhos, dificuldades e conquistas promovendo uma questão de pertencimento, construção de uma identidade num exercício da memória e de valorização da própria história. Sendo assim o desígnio deste estudo questionará a simbologia do indivíduo, os feitos do homem público e como e qual herança material e imaterial Frei Teófilo deixou de legado a cidade e seu povo?

A partir do questionamento e da considerável representatividade e legado que Frei Teófilo Antoniazzi deixou na memória dos habitantes de Machadinho, este estudo visa de maneira geral analisar a sua trajetória ao longo de sua vinda e permanência no município, abordando como centralidade os relatos mencionados pelos cidadãos que conviveram com o Frei mediante a um mecanismo testemunhal, as características e as formas de representação e sobre tudo comparar as categorias de análise que Levi em sua

obra – *Herança Imaterial* – aponta e a que passo aproximam-se das representações do líder da igreja descritas por meio do exercício da memória.

A fim de compreender quem foi Frei Teófilo Antoniazzi, é oportuno nesta estrutura de estudo, trazer à tona seu legado e sua trajetória na cidade de Machadinho (RS), passos que contam a sua história, desde a formação religiosa, nomeação como pároco da cidade contadas pela comunidade local e suas próprias considerações a cerca da pequena cidade e de seu povo por meio de seus escritos deixados no acervo documental da Paróquia Nossa Senhora do Rosário.

De forma estrutural, como já mencionado a representatividade por meio de relatos coletados será descrita a partir da metodologia da História Oral, por meio de entrevistas de locais em consonância com o acervo documental tridimensional que se remetam e enfatizem a figura do Frei, percebendo como se construiu esse caráter simbólico de sua imagem como personalidade e sua herança imaterial deixada à população de Machadinho.

Como método de estudo, baseado em uma desconstrução quase que basicamente tradicional, que parte de macroaborgagens, o afeto e proximidade a questões cotidianas e adjacentes, desencadeou numa certa preferência pelo local, sobre o abstrato, a formação de uma herança que não deixa somente objetos e sua materialidade, mas sim a construção de uma herança imaterial e até mesma comparativa. Este contexto que visa uma análise com foco na micro-história, já vem de uma preocupação e um assunto vigente entre alguns estudiosos, como é o caso dos historiadores da atualidade, servindo para endossá-lo (LEVI, 1992; REVEL, 1998). Não somente isto, a história das mentalidades foi capaz de demonstrar a sensibilidade não exclusivamente para as diferenças sociais, mas atentando também para as distinções regionais.

Partindo destas considerações, Arostegui (2006) menciona a análise acerca da produção histórica “[...] ‘ser’ ou ‘ter’ história é algo que caracteriza todo o ser humano, todo o ser social, a pesquisa sobre a natureza da história corresponde, igualmente, a uma pesquisa sobre a natureza da sociedade.” (p.254) Neste sentido compreende-se que existe a relação entre o objeto da história, neste caso a representação de Frei Teófilo,

com a sociedade em que ele ainda está inserido, sendo perceptível uma relação entre a teoria da história e a teoria social. Cabe mencionar a necessidade à dinâmica temporal, indicada por Arostegui (2006), o ser social e a sociedade em um constante movimento, “um processo de estruturação” uma edificação ao ‘vir a ser social’.

Corroborando com a proposição das análises, tendendo para abordagens mais próximas, o direcionamento a micro-história propõe assim como afirma Burke (1992) [...] “uma prática historiográfica em que suas referências teóricas são variadas e, em certo sentido, ecléticas (p.133). Considerando ainda que este método de estudo, possui uma escala de observação reduzida com enfoque microscópico, porém trata-se em meio a procedimentos analíticos, um estudo focado em documentos materiais existentes em qualquer lugar independentemente de sua dimensão. Sendo assim enfatizando as contradições sociais, por meio de indivíduos que possuam relacionamentos e convicções religiosas ou políticas por exemplo, como fonte de informação, enfatizando comportamentos, ações, estruturas e papéis de relacionamentos sociais assim como aponta Burke “[...] o valor explanatório das discrepâncias entre as restrições que emanam dos vários sistemas normativos (ou seja, entre as normas do estado e da família).” (p.139)

Atentando para uma contextualização funcionalista, que como característica dedica o foco no contexto para assim explicar a conduta social, alargada a decisão de analisar a partir de um ponto de vista peculiar, particular, mas com vistas a variação de escalas, assim como a perspectiva da metáfora apontada por Revel (2010) “[...] variar a focalização de um objeto não é unicamente aumentar ou diminuir seu tamanho no visor, e sim modificar sua forma e sua trama.”(p.438) Sendo assim é através da escolha de focalizar a análise a partir da trajetória do indivíduo inserido a uma multiplicidade de tempos, relações sociais e espaços.

A viabilidade deste estudo estrutura-se além dos enfoques já mencionados, a uma questão que se faz necessária não somente pela escassez de material escrito suficiente para o aprofundamento do ensaio, já que a história local não parece ser desígnio comum de estudo por escritores e historiadores, mas sobre tudo para entrelaçar fontes na construção da trajetória do indivíduo na comunidade e os depoimentos de

peças que conviveram com ele e/ou não tiveram contato, afim de avigorem o que se obtém como fonte, “corrigem as outras perspectivas, assim como as outras perspectivas as corrigem.” (BURKE, 1992, p. 166). Mediante a esta constatação o recurso de colaboração de cidadãos locais por meio de relatos e entrevistas se faz necessária propondo desta forma o uso de dados orais, entrando em cena a História Oral. Ainda segundo Burke, considerando Thompson, conceitua que “[..] a história oral é a que melhor reconstrói os particulares triviais das vidas das pessoas comuns para aqueles que desejam realizar isso.” (p.192), usando-se da reminiscência pessoal com sua riqueza de informações e detalhes que não poderiam ser acessadas de outra forma.

Por assim dizer, este estudo estrutura-se como aponta (LEVI, 2000) “Um lugar banal e uma história comum”, na obra *A Herança Imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*, no caso deste estudo com a designação de lugar banal, a pequena localidade de Machadinho/RS e o comum sendo Frei Teófilo, o humilde padre que liderou as conquistas religiosas, sociais e políticas na localidade alcançando um considerável prestígio. Uma estrutura que dialoga com o cotidiano e as relações com o coletivo assim como afirma o autor em sua análise sobre o padre exorcista “a história de Chiesa foi, portanto, não apenas o objeto da narrativa, mas também o pretexto para a reconstituição do ambiente social e cultural da cidade” (LEVI, 2000, p. 47).

Entendendo que construção da história, o ser social, é resultado da ação e do comportamento da sociedade em que está inserida, seja ela no presente ou ao longo do seu tempo, as análises propostas tratam das considerações existentes em materiais escritos, revisões bibliográficas, registros existentes na casa paroquial, arquivos de documentos sob poder legislativo e executivo. que discutam a proposta deste objeto de estudo, a micro história, a herança imaterial, que reproduzam os feitos do homem público, do líder político ao longo de sua trajetória em Machadinho. Aliado a isso e sobre tudo a fim de compreender a formação da herança mencionada, na comunidade local, serão imprescindíveis os relatos de pessoas da sociedade que vivenciaram as mais distintas etapas da vivência de Frei Teófilo em Machadinho, indivíduos de relações próximas bem como aqueles que lideram atualmente a condição de líderes sociais e políticos a cerca da compreensão dos feitos e vida do líder religioso. Para tais análises a história oral entrará em cena como mecanismo testemunhal aplicado com roteiro de

abordagens após levantamento das fontes, um processo de pesquisa e escrita, um recorte que reflete o passado e exhibe uma análise paralela com o presente.

CAPÍTULO 1

1. UMA BREVE HISTÓRIA DE MACHADINHO

Situado na região nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, o município de Machadinho possui uma área territorial inferior a 334,5 km². Como característica geográfica, em relação ao nível do mar, sua altitude é de 757 metros, distanciando-se da capital gaúcha em de 400Km é divisa com a região Oeste de Santa Catarina. Município de clima temperado úmido possui um relevo que apresenta duas situações distintas: trata-se de 50% do território dispor de uma condição acidentada situada no percurso ao longo dos Rios Inhandava e Uruguai e a parte restante de relevo ondulado que viabiliza uma agricultura mecanizada.



Figura 1 – Mapa de Localização de Machadinho. (Fonte: www.googlemaps.com.br)

A economia que movimenta o pequeno município provém principalmente da agricultura que possui como características estabelecimentos rurais de grande porte e em sua maioria de médio e pequeno porte. O cultivo de grãos como: trigo, feijão, soja e milho representam a maior produtividade seguidos pelo cultivo e industrialização da erva-mate; além da forte pecuária com produção de gado de corte e leite; citricultura e

um movimento que cresceu nos últimos 10 anos fomentam os reflexos do crescente desenvolvimento turístico local. Esta última prática econômica, provem a posterior implantação da Usina Hidroelétrica Machadinho no ano de 1998, que com o propósito de explorar os recursos hídricos da região, dirigida pelo Consórcio Machadinho, em contrapartida destinou recursos e colaborou com o governo municipal para a implantação do Termas Machadinho, um complexo térmico com um amplo espaço que proporciona atividades de lazer e descanso. Em consequência e este empreendimento surgiram inúmeros pontos turísticos que viabilizam um movimento turístico permanente.

Segundo o Senso do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE – realizado no ano de 2015, a população do município é de aproximadamente 5.649 habitantes, sendo que em média 60% residem na zona urbana e 40% na zona rural. Com predominância de origem italiana, a população é formada por uma mescla de descendência polonesa, portuguesa, alemã e nativa.

Dessa forma tal como Oliveira (1978) descreve, a história de Machadinho teve seus primeiros movimentos no ano de 1893 durante a Revolução Federalista, nas proximidades da região, na comunidade vizinha, no Estado de Santa Catarina, hoje denominado Barro Preto, um movimento e combate violento comandado por forças e tropas revolucionárias que de um lado eram lideradas por Gomercindo Saraiva e de outro por Santos Filho, revolução esta que ocorreu após a Proclamação da República e instabilidade política do presidente do Estado do Rio Grande do Sul, o “tirano” Julio de Castilhos. Após vencer o combate e se tratando de um inimigo considerável, Gomercindo preparava-se para novos combates, percorrendo juntamente com seus companheiros o rio Pelotas com o objetivo de encontrar um lugar seguro para proteger-se. Oliveira considera:

Agarrados às caudas de animais empoleirados em troncos de arvores conseguiram atravessar o rio, deixando à sua margem grande parte de seus pertences e perdendo na travessia inúmeros homens e animais bem como grande parte de seu material de guerra, comprometendo armas, munições, etc. (1978, p.19)

Embora houvesse todos os contratemplos, o insistente Capitão vence a travessia e determina a abertura de caminho em direção a um local de abrigo que fosse possível vigiar os perseguidores. Oliveira cita: “sem querer estava traçando a primeira estrada que se tem notícias em nosso município. ” (p.19). Desta forma teve-se o primeiro contato com o solo de Machadinho e por meio a esta “*picada*” deixada por Saraiva, é que chegam os primeiros moradores, muitos atraídos pelo rio que ofertava a alimentação por meio da pesca ou pela mata que dispunha de frutos e caça e outros em forma de fuga frente a perseguição dos revolucionários.

Ainda segundo Oliveira, os primeiros moradores do município foram da família Gomes. Logo após, em 1901 chega ao local o caboclo Manoel Machado de Campos (que por sua estatura baixa e popularidade foi chamado de Machadinho que dá origem ao nome da cidade) juntamente com sua família que desbrava as terras compostas por grandes pinhais que hoje comporta o centro do município. Nesta primeira exploração o território passa a denominar-se Pinhal de Machadinho. Após mudar-se para o estado do Paraná, deixa seus descendentes que segundo o autor eram pessoas honestas e humildes.

Machadinho foi sendo construído a partir de inúmeras dificuldades enfrentadas por seus primeiros habitantes. Mata densa e fechada, animais em grandes quantidades, casas construídas com a madeira extraída dos pinheiros cortados, cerrados manualmente necessitando extrema força manual para a lida, conseqüentemente necessitando de alimentos que sanassem a fome mediante ao trabalho desgastante. Os mesmos espaços após desmatados eram utilizados para produção e plantio de grãos como milho, feijão, trigo para a própria subsistência.

Inicialmente as casas eram muito simples, feitas de tábuas rachadas por uma cunha de ferro, depois passou-se a usar uma serra manual, porém somente anos depois chegou a primeira serraria para facilitar a vida dos primeiros machadinhenses que se estabeleceram, os quais depararam-se com muitas dificuldades, conforme observa Oliveira “o comércio era realizado quase todo em Piratuba, no Estado de Santa Catarina e uma outra parte em Marcelino Ramos, no Rio Grande do Sul. O principal comércio era a troca de couro pelo sal, querosene, vestimentas, etc.” (1978, p. 25) Inicialmente o comércio era feito a base de troca e por vezes por dinheiro. O local onde a maioria das casas começaram a se erguer foi onde hoje é o centro da cidade.

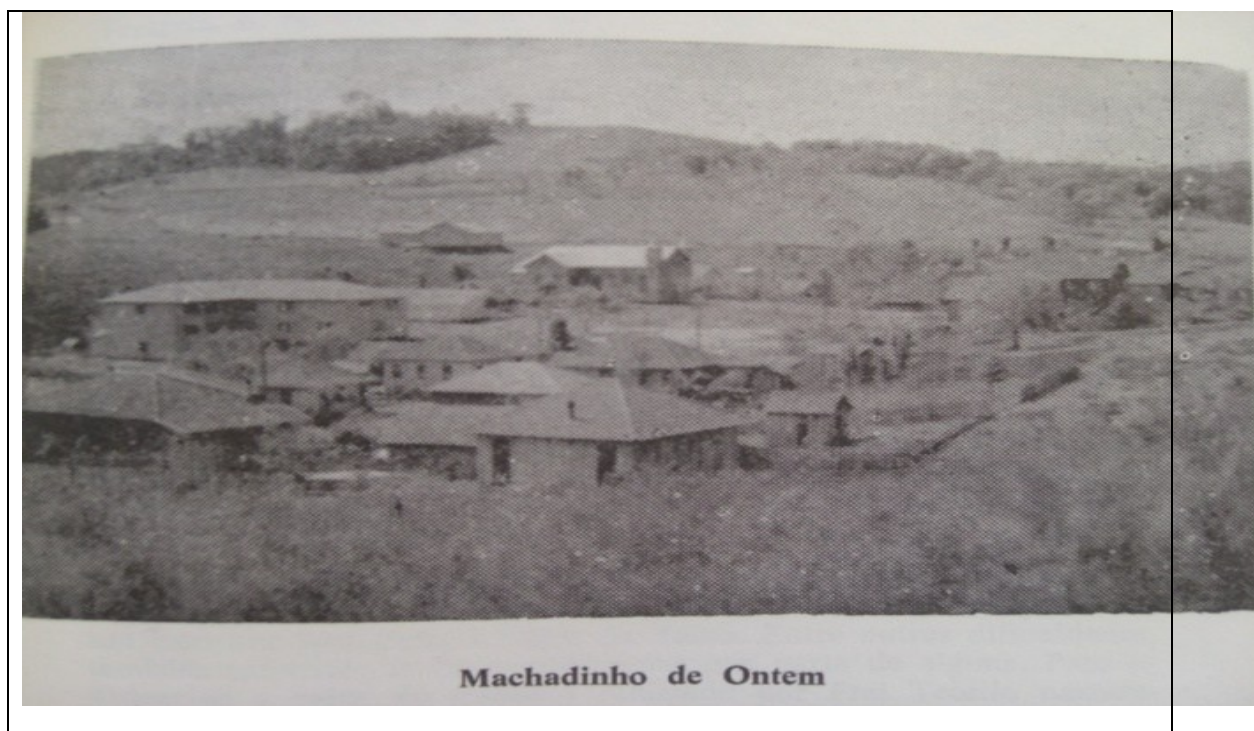


Figura 2 - Primeiras construções em Machadinho. (Fonte: Acervo fotográfico da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 2016)

Neste processo evolutivo e posteriormente emancipatório, uma característica marcante e que é parte deste objeto de estudo, por se tratar do seu envolvimento com a cultura desta sociedade e sua tamanha presença na vida social da construção do município, é imprescindível mencionar a crença cristã-católica, como exemplificado por Maso (2015) “as pessoas que aqui chegavam traziam dentro de si uma fé muito grande em Deus e era isso que os conformava perante as dificuldades que tiveram que enfrentar até se instalarem [...]” (p. 57). Afirma Oliveira:

[...] por volta de 1908, apareceu ou aportou em nosso pago um gaúcho chamado João Ricardo, que pregava uma espécie de religião que não demorou tinha muitos adeptos, esta consistia em realizar um mutirão (puchirão), onde as pessoas convidadas tinham que levar tudo o que seria consumido na alimentação [...] Quem assim não procedesse seria castigado por um poder invisível. [...] pregavam ainda que os falecidos estavam apenas partindo para um passeio e que voltariam, portanto, não deixava familiares e amigos chorarem a morte do mesmo. Assim agindo, João Ricardo, conseguiu uma grande liderança[...] (1978, p. 26)



Figura 3 - Machadinho como Distrito de Lagoa Vermelha (Fonte: Acervo fotográfico da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 2016)

A partir desta contextualização a cerca da história do surgimento do então denominado município de Machadinho, que até o ano de 1957 pertencia como distrito de Lagoa Vermelha – RS, considerando a presença da fé como marco neste processo, a história religiosa do município traduz o batismo cristão de Machadinho. O primeiro contato foi através do reverendo de Lagoa Vermelha padre Germano, que era fascinado pela paisagem local e rezou a primeira missa na primeira capela, na Linha Coqueiro, comunidade da zona rural, no ano de 1916.

Como já mencionado por Maso (2015) embora houvesse percalços e provações, os homens que ali desbravaram a localidade criavam condições para integração e de fato sociabilidade, papel primordial da primeira capela construída, servindo de local para encontros e conversas, construída com força braçal desdobrando a mão tábuas de cedro.

1.1. A EVOLUÇÃO DO MUNICÍPIO E A PRESENÇA DA RELIGIÃO CATÓLICA

Neste movimento, a religião católica fez parte da construção do município de Machadinho. A profetização se deu por meio de Freis Capuchinhos que percorriam o município a cavalo levando a palavra de Deus e disseminando a religião católica, por

assim dizer, uma espécie de catequização assim como fizeram os jesuítas ao chegarem no Brasil colônia. Assim como afirma Oliveira (1978) “[...] Machadinho é um município católico por excelência, provam as várias capelas construídas no passado.” (OLIVEIRA, 1978, p. 35). As edificações que constituíram boa parte das capelas das comunidades do interior do município surgiram a partir de 1912, estas sob comando e liderança do Frei Agostinho de Antonio Prado, vigário do município vizinho Cacique Doble.

No ano de 1917 o primeiro vigário a hospedar-se no que era até então povoado de Machadinho foi Gentil de Caravágio, da congregação Franciscana de Capuchinhos, sendo assim visitada a localidade em diversos momentos por outros Freis que disseminavam a religiosidade.

Segundo o livro Tombo nº 01 de 1947 da Paróquia Nossa Senhora do Rosário a Paróquia foi criada em 25 de dezembro de 1943, primeiro registro feito pelo Bispo Dom Candido. Em 10 de janeiro de 1944 foi então realizada a primeira festa para comemorar a criação da paróquia celebrada por Frei Tomaz, natural de Machadinho. E foi neste mesmo ano que Frei Teófilo Antonizzi, nascido no dia 4 de setembro de 1915 em Flores da Cunha - RS foi nomeado Primeiro Vigário da Paróquia, que segundo Oliveira (1978):

[...] seria o grande responsável pelo progresso de Machadinho. Nos parece que a Ata de nomeação de Frei Teófilo, delinearía os limites religiosos que ficaria a cargo deste vigário e que mais tarde também seria os limites políticos do município. (p. 43)

No mesmo ano, mais precisamente no dia 21 de julho, por determinação de seus superiores, foi designado a servir como capelão militar para o Corpo Expedicionário Brasileiro, retornando a Vila Machadinho e reassumindo a Paróquia dois meses depois.

Com a participação ativa na comunidade, Frei Teófilo contribuiu para a conclusão do Colégio de Irmãs e do Hospital São Francisco de Assis, por meio de Rifa Beneficente, aglomerando o valor arrecadado para empregar as obras. Foi através deste centro de Educação que como aponta Maso (2015) “[...] expandiu a integração entre a

igreja e a comunidade. Prova disso foram os inúmeros eventos realizados, tais como: Missas, Procissões, Desfiles Cívicos e Escolhas de Rainhas Estudantis.”(p. 91)

O movimento religioso dirigido pelo Frei desencadeou um aumento de números de capelas pelo interior do município. Sendo registrado pelo Bispo no Livro Tombo “A paróquia com os esforços apostólicos do Pároco Frei Teófilo Antonizzi fez verdadeiro progresso.” (LIVRO TOMBO, nº 01, p.16).

Se por um lado o seu carisma crescia, por outro isso poderia gerar um descontentamento de alguns populares. No dia 04 de janeiro de 1948 a casa paroquial foi alvo de muitos disparos de revólver que ultrapassaram as paredes de madeira, enquanto Frei Teófilo lavava os pés em uma gamela na cozinha, cinco balas perfuraram as paredes da casa, mas não o atingiram. Este ato foi entendido como a base de um atentado sofrido pelo Frei. David Costa (2004) citado por Maso relata que:

Quando deram os tiros na canônica o padre veio aqui em casa e me contou: ‘Olha David, se eu tivesse sentado no escritório tinha acertado o tiro na barriga. Se eu tivesse deitado, tinha acertado na cabeça, porque o tiro deu no travesseiro. Foi Deus que me salvou, porque eu tinha ido na cozinha, tava sentado lavando os pés na gamela. Eu sei quem foi mas não conto. É segredo que vou levar pro túmulo.’ Alguns anos depois o homem que atirou nele se deu um tiro no ouvido e se matou. (p.102)

Para protegê-lo o Bispo o afasta por um curto período. Em média um ano depois, o Frei retorna a cidade e seu meio de transporte que até então fora um burro zaino, passa a ser um Jipe.

1.2. OBRAS E FEITOS PROJETADOS POR FREI TEÓFILO NO MUNICÍPIO DE MACHADINHO

Como já mencionado sua participação foi ativa na fomentação da educação por meio de arrecadações para a conclusão do Colégio e na saúde através dos serviços do hospital. Segundo Maso (2015) o Bispo Dom Candido Maria Bampi da Diocese de Vacaria, a qual Machadinho pertencia e ainda pertence, esteve no município, mais precisamente no dia 22 de janeiro de 1945, afim de determinar o local para a construção do colégio da irmãs na vila. Com papel solidário, Frei Teófilo foi contemplado com a

rifa Aliança do Lar, no ano de 1946 em Paim Filho, hoje município vizinho, um valor de Cr\$ 50,000,00, parte desta contemplação foi empregada e doada por ele para a conclusão da obra que foi inaugurada em 21 de abril de 1946. Não menos importante foi a construção do Hospital São Francisco de Assis que teve a sua pedra Fundamental lançada no dia 09 de outubro de 1949 e para sua construção foram, utilizados em uma primeira aquisição 100 mil tijolos.



Figura 4 - Colégio das irmãs (Fonte: Acervo pessoal Maria Araldi, 2016)

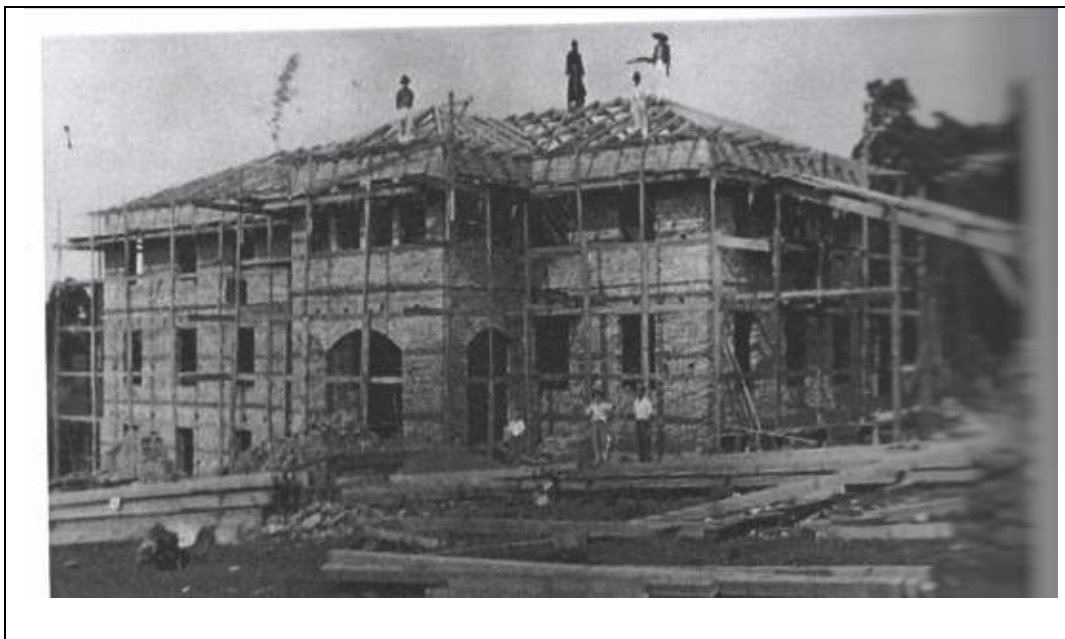


Figura 5 - Construção do Hospital - (Fonte: Acervo pessoal Maria Araldi, 2016)

Mas não se acomodando percebeu a necessidade da energia elétrica para seu povo e por meio de longas lutas assim o fez. E se o seu papel fora de progresso constante, é neste momento que se apresenta mais uma característica para evidenciar o seu papel de líder político frente a comunidade, participando na luta e liderança na conquista dos limites pela emancipação política do município, conquistada em 28 de maio de 1959.

Em Janeiro de 1944, era nomeado o primeiro Vigário para nosso município, tratava se de Frei Teófilo de Flores da Cunha, que seria o grande responsável pelo progresso de Machadinho. (OLIVEIRA, 1978, p. 48)

O crescimento populacional e a adesão as ideologias proferidas pelo Frei desencadearam a necessidade de construir uma nova igreja, já que a existente em 1956, não suportava a quantidade de fiéis. E a atual igreja matriz em que estão expostas partes de suas vestes e instrumentos de trabalho, foi mais uma de suas importantes obras. Assim registrado:

Histórico da Igreja: Em abril de 1956 começamos os alicerces. Em 28 de outubro benção da pedra fundamental. 5 de abril de 1959 começamos o levantamento com tijolos até a altura da cantoria.

Paramos durante um ano. Em fevereiro de 1962 fizemos as modificações que o Sr. Bispo nos indicou e continuamos o levantamento. Em fevereiro de 1963 concluímos o levantamento. Em março foi feito o telhado. E, em outubro fizemos a mudança da igreja velha para a nova. Em novembro demolimos a igreja velha, entregamos a praça para a prefeitura para ser organizado um lindo jardim público.(LIVRO TOMBO, nº 01, 1962, p. 55)

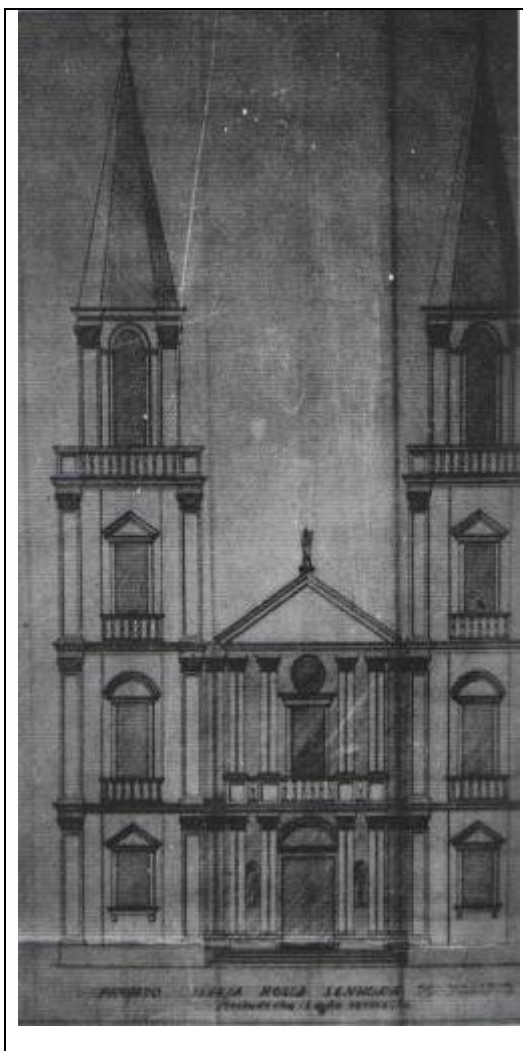


Figura 6 - Planta da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário. (Fonte: Acervo pessoal Maria Araldi, 2016)

Uma construção inspirada no estilo Barroco do sul da Itália produzida pelo engenheiro Rossi de Caxias do Sul/RS. Nascido no século 17 na Itália, trazido para o Brasil por meio dos jesuítas, o estilo Barroco baseia-se em construções complexas, com estilo visual único e rico em detalhes. Trata-se de uma desconstrução das edificações que até então eram adotadas pelas igrejas em formato retangular, passando assim a possuir formas e curvas diferentes e como característica também a intenção simbólica

de representar por meio da edificação e planta a cruz latina, símbolo máximo do cristianismo.

Muitos percalços modificaram a edificação durante o seu processo de construção. Desde a morte repentina do mestre de obras quando a estrutura possuía apenas dois metros de altura até a falta de recursos para financiamento do projeto.

Frei Teófilo com seu espírito de união e credibilidade fez muitas negociações que partiram desde doações pelos moradores até abatimento de preços, sendo que a matéria prima percorria quilômetros para chegar até Machadinho. Segundo Maso (2015) através de depoimentos de moradores que vivenciaram junto com o Frei a estruturação:

Foram utilizados ao todo 650 mil tijolos para a construção de toda a igreja. No início os tijolos eram “puxados” de carroça, chegando a juntar até vinte num mutirão convocados pelo Pe Teófilo. [...] Na missa de domingo o frei anunciava qual das comunidades teria que carregar os tijolos até a construção (p. 145)

É de se imaginar que a construção pudesse levar um bom tempo, mas aos poucos foi sendo edificada, sempre sob a liderança do frei e a colaboração da comunidade. Não menos importante, o Padre ou Frei como carinhosamente a população sempre o chamou, tinha propriedades rurais no interior do município e os recursos gerados pelas safras produzidas eram empregados no desenvolvimento da comunidade, assim conta na forma de entrevista concedida a este estudo, Maria Araldi sua prima, uma figura importantíssima que viveu durante todos os anos da permanência do frei como empregada doméstica na casa paroquial. Anos depois quando estava quase concluída a Igreja, mas precisamente em 15 de junho de 1966 um vendaval destruiu todo o telhado da igreja, tendo que o padre novamente angariar fundos para a reforma.



Figura 7 - Vendaval em 15 de junho de 1966. (Fonte: Acervo pessoal Maria Araldi, 2016)

A partir dos registros descritos no Livro Tombo nº 1 é possível encontrar as anotações dos resultados das festas promovidas em que os recursos foram destinados a construção da Igreja. Além disso a comunidade local fazia suas doações. O Frei solicitava a cada família local que doasse 1% do arrecadado, alguns não atendiam as suas solicitações outros doavam muito mais. A maior proporção arrecadada foi proveniente de doações como: trigo, milho, galinhas, feijão. Costa, afirma segundo atenta Maso (2015) “O padre chegava nas casas do interior e olhava por tudo. Quando tinha alguma coisa que ele precisava ele pedia, e todo mundo atendia .”(MASO, 2015, p. 163) A igreja foi totalmente finalizada e inaugurada em 28 de outubro de 1963.



Figura 8 - Foto atual da Igreja Matriz. (Fonte: Arquivo Pessoal, Marceane Catia Santolin Biscaro, 2016)

Por determinação de seus superiores em 1975 o Frei Teófilo com mais de 60 anos de idade, foi transferido de Paróquia, sendo deslocado para Salto do Jacuí permanecendo lá por dois anos e posteriormente seis meses em Bom Jesus. Maria conta que uma tristeza muito grande o acompanhava, pois não poderia viver longe de Machadinho. Sendo assim pediu que fosse transferido para Cacique Doble, município vizinho. Nesta mesma época ocorreu em Machadinho a troca da congregação Franciscana para a Diocesana, não tendo o Frei onde se hospedar, ficou morando na casa de Maria Araldi, permanecendo lá mesmo depois de aposentado e até a sua morte aos 83 anos provocado por um enfarte agudo do miocárdio, que ocorreu às 4 horas e 45 minutos do dia 14 de abril de 1999, “ no quarto 7B do Hospital São Francisco de Assis, prédio que ele mesmo idealizou e edificou.” (MASO, 2015, p.185).

Sendo considerado um herói, no ano de 1991 recebeu uma titulação de Cidadão machadinhense e logo após a sua morte, no dia 07 de junho de 1999 foi decretado o nome da principal avenida da cidade como Avenida Frei Teófilo. Em gesto de gratidão

no ano de 2007 foi construída na praça da matriz um monumento de sua imagem com 12 metros de altura e que no ano de 2015 um evento comemorou o cinquentenário de sua História. E preservando ainda mais a sua memória, junto a igreja em que ele mesmo construiu liderando à comunidade, esta localizado o Museu Mirante Torres que preserva a sua história por meio de seus objetos pessoais e seus instrumentos de trabalho e liderança.

Para tanto, a figura de Frei Teófilo é evidenciada como amostra da história local. O Museu Mirante Torres localizado na Igreja Matriz, , na Avenida Independência, em frente a principal Avenida que leva o seu nome, Avenida Frei Teófilo, possibilita uma vista exuberante da paisagem natural. O topo da torre permite dar um giro completo visualizando todos os lados da extensão do município: a praça da Matriz; o Monumento Frei Teófilo, estátua que representa a sua imagem; parte da represa do Lago da Usina Hidroelétrica Machadinho bem como demais espaços públicos, ruas e casas da cidade. Por meio de inúmeros degraus, 136 mais precisamente, é possível acompanhar a ativa presença do venerado Teófilo em quase todos os feitos ali expostos. Mas em meio a esta subida pelos alicerces da união do povo, que junto com ele construiu a própria Igreja sem mesmo dispor de recursos financeiros para isso, mobilizando a comunidade para juntos edificar a casa de Deus, após 29 degraus encontram-se expostos alguns de seus bens guardados, como forma de preservar a sua memória, parte do vestuário, objetos religiosos, utensílios pessoais e instrumentos de vida e trabalho. Ainda percorrendo os degraus superiores a história vai sendo contada e ilustrada por meio de imagens.

CAPÍTULO 2

Este capítulo, através do escopo da História Oral serviu para fins de realização e coleta de depoimentos de entrevistados selecionados em relação ao tema central dessa pesquisa – o Frei Teófilo. É a partir desses depoimentos que se pode perceber as questões acerca da memória que a cidade de Machadinho cria em relação a uma liderança.

2. O USO DA HISTÓRIA ORAL COMO FONTE HISTÓRICA

Ao contar uma história, faz-se necessário dimensionar um canal de comunicação entre a memória que passa a trabalhar com a finalidade de dar inteligibilidade e com sua prática em ressignificar o vivido, construindo, organizando e justificando seu ponto de vista. Ao narrar uma história de vida, o indivíduo se insere no fato sendo parte dele e o construindo de acordo com a situação e com as relações da narrativa. Neste sentido, a memória compõe um evento processual e estabelecido que passa a construir sentidos. Segundo Bardin (1997), na elaboração do discurso:

É feito um trabalho, é elaborado um sentido e são operadas transformações. O discurso não é transposição transparente de opiniões, de atitudes e de representações que existam de modo cabal antes da passagem à forma languageira. O discurso não é um produto acabado mas um momento num processo de elaboração, com tudo o que isso comporta de contradições, de incoerências, de imperfeições (p. 170).

Contudo, a memória contempla uma significativa variedade de definições: faculdade de lembrar, de reservar impressões e ideias, recordações e lembranças. Neste caráter determinante também é dividida em individual e coletiva, mesmo que as duas maneiras se relacionam entre si. Para Meihy (2005), a individual pela sua própria definição, é de sentido mais pessoal e relacionado ao psicológico, já que se entrelaça com ensaios particulares e possui um aporte da mente; enquanto que a memória coletiva se estende ao cultural e abrangente já que elementos externos constroem a identidade de um determinado grupo. “As memórias são organizadas segundo uma lógica subjetiva que seleciona e articula elementos que nem sempre correspondem aos fatos concretos, objetivos e materiais” (MEIHY, 2005, p. 63).

As entrevistas dentro do contexto do método de história oral são ocupadas como fontes historiográficas para a compreensão do passado, aliado a documentação escrita, imagem e outras fontes de registros. A principal característica se dá por um estímulo, já que o historiador aborda o entrevistado a fim de lhe ouvir por meio de respostas frente às perguntas elaboradas, principalmente após determinado objeto de investigação. Não menos importante, o conjunto de estudo abrange bibliografias, aliadas de memórias que concede a compreensão de como indivíduos interpretam os acontecimentos, seu modo de vida e situações assistidas, tornando a análise da história mais próxima, permitindo o acesso ao passado pelo entendimento das experiências vividas e contadas por outros.

Partindo das abordagens descritas, a representação de Frei Teófilo Antoniazzi, frente a sua história de vida em Machadinho apresenta-se de certa forma em caráter individual por meio da intervenção oral, ao passo que se entrelaça com o coletivo já que as análises são planejadas com mais de um entrevistado.

A compreensão que se tem e que estrutura a conexão do pequeno município, é de que Machadinho passa a ter sua história a partir da intervenção do Frei, não se elenca aqui opinião contrária, mas toda e qualquer solidificação de identidade, passa a ser estruturada a partir da sua chegada. A grande estima da população Machadinhense pelo então chamado de “visionário” Frei (grifo da autora) é compreendida quase que unanicamente. Uma personalidade que frente aos relatos coletados, deu sentido ao dificultoso e remoto território passando a construir a história local.

2.1. A REPRESENTAÇÃO DO FREI TEÓFILO

Embora a sua dedicação tenha sido edificada em alargar a pequena cidade, enquanto ser humano Frei Teófilo tinha sua rotina e modo de vida particular, bem como enfrentou desafios ao chegar na localidade. A figura de sua prima, Maria Araldi o acompanhou desde a sua vinda até a sua despedida e junto enfrentou as dificuldades existentes:

Ele veio antes, eu depois, lá de Vacaria, nós somos primo com ele. Daí foi triste menina, não tinha nada, nada, nada, nada tinha que fazê os

poquinhos que dava né, comida. Não tinha pia, tinha só um fogão a lenha e uma mesinha na cozinha e uma mesinha na sala. Tinha uma geladeira com pau na porta pra segurá fechada. Veja só. Daí foi, foi, foi. termino o colégio e tudo, fico morando no colégio porque era de dois andar.[...] (ARALDI, 2017)

Segundo Araldi (2017), no dia-a-dia o Frei além dos compromissos diários, também tinha o hábito de tomar chimarrão na cozinha, depois o seu café e ir para construções e na lavoura. Com o passar do tempo os feitos do padre o permitiram adquirir terras no interior do município e nelas ele cultivava grãos além da pecuária, já que “ganhava sempre uma vaca pra cá e pra lá que davam de presente pra ele.”

Nesta relação de convívio, Osvaldo Luiz Vecchi, nascido e residente no município, ex prefeito e vice-prefeito, líder na comunidade participou enquanto jovem da rotina do Frei. Assim comenta:

O Padre Teófilo a primeira vez que ele chegou em Machadinho, ele fico hospedado na casa do meu pai, aí, os primeiros dias. E sempre, eu pessoalmente, meus familiares sempre tivemos uma relação muito boa com o Frei Teófilo e eu quantas vezes ia de companhia dele pra pesca. Ele usava pesca com gaiola de vidro, eu era um piazote. [...] Eu era sempre era companheiro de ir, uma coisa que eu gostava de fazer, as vezes ele ia a maximiliano e eu ia, se não era eu ele leva outro sempre levava alguém junto. (VECCHI, 2017)

Para Araldi (2017) o temperamento do Frei era muito amigável, sua principal característica era ajudar a quem precisasse, embora saliente “nunca vi o Padre nervoso, agora alguém que merecia ele dizia [...]”.

Ao mencionar que a unanimidade quase prevalece, há quem concorde com todos os feitos do Frei, suas características positivas de envolver-se com a comunidade e buscar por ela seu desenvolvimento. Nestes aspectos um tanto quanto paritários, mas que alcançam também algumas qualidades ou por assim dizer, defeitos, Ligia de Bitencourt Biesek, natural de Machadinho, professora de Geografia e História, aposentada, compartilha as suas lembranças:

As minhas lembranças com relação ao Frei, eu lembro desde a minha infância, porque ele fez parte da minha infância. Então a principio eu lembro do meu padrinho conta, que o padre Teófilo reclamou na época, reclamava atrasos na hora de batizado e que só podia ser filhinha de papai pra podê ta chegando atrasado para batiza as criança. Ele era um homem extremamente rigoroso, tinha atitudes bem fortes. Porque? Porque naquela época a igreja era uma das detentoras do poder e aqui nessa cidade é muito pequena e as pessoas dependiam da opinião mais forte de uma pessoa como o Padre Teófilo. (BIESEK, 2017)

Contemplando o relato descrito acima, nestes mesmos aspectos, Levi (1985), trata da dinâmica das relações entre as elites regionais alinhado com a estrutura da sociedade, uma dimensão que segundo o autor não bastava meramente adquirir uma posição social privilegiada, dada por uma categoria social, a hierarquia, mas sim mantê-la, o que vai de encontro com a figura de superioridade formada pelo Frei.

Prosseguindo com as narrativas do imaginário, permitindo um acesso a memória, Biesek atenta:

Lembro dele também, na época em que era feita a primeira comunhão [...] Esse padre Teófilo circulava frequentemente nessas salas de aula, por que ele, as irmãs, as freiras que eram franciscanas, elas trabalhavam como professora, com a supervisão do Frei Teófilo. E eles fazia nos ensinar com que nós tivéssemos muito respeito por ele. A gente tinha que pedir louvado, a gente tinha que dizer pra ele: padre, Louvado seja nosso senhor Jesus Cristo! E dai ele dizia: para sempre seja louvado! Se tu não tivesse, fizesse isso, essa saudação, toda vez que tu passasse por ele na rua, ou mesmo na chegada da Igreja, em qualquer lugar que tu encontrasse com ele, ele ficava brabo, batia na gente, dava uns tapinha, uns beliscão, pra nos aprende, pra dente aprende e dizia: ou se aprende na dor ou se aprende no amor.

Com relação ao comportamento e sua interação com a comunidade local, a professora ainda destaca:

E ele era assim uma pessoa, extremamente intrometida, diga-se de passagem, com relação a vida cotidiana das pessoas da cidade. Então com o passar do tempo pude perceber, né, mesmo quando passei a ser professora passei a perceber, que ele influenciava por demais a vida das pessoas nas comunidades. [...] Ele ia com seu burrico nas comunidades fazer as suas visitas, e o que ele dizia era lei. Até com relação a métodos anticoncepcionais. [...] Com o passar do tempo tinha um jipe! E com esse jipe ele visitava as comunidades.

Percorrendo um caminho de poder na comunidade e principalmente de prestígio dentro dela, é evidente a aposta do Frei, seja ela proposital ou não, fortificada nas relações e na capacidade de intermediação na comunidade, assim como a História de Giovan Battista Chiesa, narrada a partir do século XVII, descrita por Levi (1985).

Durante a aceleração da inserção no complexo estatal, a realidade local via seus limites modificados. Os limites dentro dos quais se localizava a informação necessária para prever os acontecimentos futuros com alguma margem de certeza eram os mesmos daqueles psicológicos e constitutivos do sentimento local de segurança e identidade. A brusca modificação destas fronteiras trazia problemas imediatos e impunha uma reorganização das experiências. O fluxo de informações devia se dilatar e dirigir-se a problemas políticos e econômicos sempre mais vastos. O espaço local ficava, assim, disponível a ação política de um novo tipo de indivíduos de relevo, especializado em fornecer notícias vindas do mundo externo, em simplificá-las e em adaptá-las as situações internas da comunidade. (LEVI, 1985, p. 175)

A figura do Frei, vista por muitos como superior, é definida por Biesek (2017) na figura de “[...] uma pessoa normal, enquanto ser humano.” Em contraponto, a imagem vista de um herói local, também chegou carregada de interesses. Nestes destacam-se a mediação dos superiores da igreja católica, conhecido como Mitra Diocesana:

[...] ele tinha realmente interesse em , em, crescer Machadinho. Mas ele tinha muito interesse também que a mitra diocesana de Vacaria crescesse também, porque a Igreja foi construída porque tinha uma olaria que era da mitra diocesana, toda a quadra onde tem a Igreja, ainda pertence à Mitra Diocesana de Vacaria, onde tem o hospital [...] a casa das Freiras [...] então havia interesse particular e financeiro da Mitra em construir essas bem feitorias dentro destes lugares que passou a ser patrimônio da mitra, que futuramente teve que ser feitos registros e escrituras de doação da mitra para a comunidade de Machadinho [...] Construiu-se a igreja, construiu-se o hospital, com tijolo fornecido e vendido pela própria propriedade da mitra, então era, foi lucrativo para a mitra diocesana fazer esse investimento. (BIESEK, 2017)

Embora o Frei, por vezes tivesse tal interesse, é oportuno comentar que a figura representativa de líder fortaleceu a crença e a união da comunidade local. Mais uma vez é visível a compreensão de uma figura política interligada a necessidade de acreditar na capacidade de um ídolo, um herói.

No viés do desenvolvimento que envolve o campo político, sua participação ativa é recordada e comentada pela comunidade local:

[...] ele foi uma pessoa que contribuiu muito pro município [...] mas nunca esquecendo que ele tinha um objetivo por traz, como acredito que todo político tem um objetivo por traz, toda instituição tem um objetivo por traz, que ele tenha tido boa intenção? Eu acredito que sim, né, mas politicamente continuo afirmando que ele tinha mais interesse em agradar a mitra do que a comunidade. (BIESEK, 2017)

O fenômeno do poder dotado ao Frei a partir de sua constituição como pároco local, lhe permitiu um controle sobre a comunidade. Primeiramente por se tratar de representar um figura interlocutora do sagrado, da divindade, que culturalmente era, e por muitos ainda é, uma pessoa incontestável e dotada de sabedoria. Por outro lado, o seu cargo lhe concebia um controle sobre a sociedade, afinal tinha “[...] nas mãos as rédeas da vida social que fluía pelos canais associativos e morais da vida religiosa.” (LEVI, 1985, p. 197) não diferente do que ocorria em séculos anteriores, como realça o autor com a imposição do pároco Giovan Battista, em Piemonte:

[...] esta posição permitia um controle moral sobre a comunidade, sobre as companhias paroquiais e sobre sua capacidade de canalizar os conflitos da aldeia, além de um controle material sobre as esmolas, sobre os bens da igreja e dos priores e sobre questões importantes para a sociedade local [...] (LEVI, 1985, p. 192-193)

Seguindo a transcrição dos relatos a cerca de Frei Teófilo a partir do imaginário, no convívio diário ou em momentos de participação na comunidade o religioso sempre

foi uma figura representativa e de respeito, especialmente pela sua posição frente liderança religiosa, assim como comenta Vecchi (2017):

De padre mesmo eu me lembro bem é do Teófilo, eu to com uma idadezinha de 74 [...] já era mais mocinho e frequentava a igreja e se não frequentava o pai e a mãe faziam a gente frequenta, né, naquele tempo o pai e a mãe dizendo tinha que sê feito, hoje parece que o pai e a mãe dizendo ainda ficam brabo [...] naquele tempo era mais respeitoso. (VECCHI, 2017)

Mediante a esta colocação é possível compreender a forte figura religiosa representada pelo Frei, na perspectiva de valores familiares e na própria sociedade. Vecchi (2007) discorre:

O padre era bem visto né. Mais naquele tempo antigo um religioso tinha muito mais respeito que hoje existe, as coisas foram evoluindo, ma naquele período o padre era o patrão das coisa, né, se ele pedisse se fizesse alguma coisa era apoiado as pessoas concordavam. E na verdade aqui na nossa cidade hoje, naquele tempo que era pequena, era a única pessoa que tinha estudo, sendo um padre é porque ele estudo tinha conhecimento das coisa,[...] aqui era tudo gente simples, agricultores, ele era uma pessoa instruída. Basta dize que: se nós temos luz elétrica em Machadinho, o Frei Teófilo no ano de 1955 ele ia de jipe a Porto Alegre, até que conseguiram traze energia elétrica pra Machadinho. Todos ajudaram? Todos ajudaram, mas ele era o cabeça.

Este feito do Frei, bem como seus demais projetos arquitetônicos ou desenvolvimentistas, são opiniões comuns entre a população local. O Entrevistado Santo Dirceu Vieira, hoje Missionário da Igreja Evangélica Assembléia de Deus, conta suas primeiras recordações:

Posso dizer pra ti que eu tinha mais ou menos uns 9 anos, estava junto com a minha mãe e finada minha vó, e o Padre Teófilo ele foi, visitava as casa aquela vez não era automóvel como hoje mas era a cavalo em um animal. E aí quando eu estava lá me disseram: ó o padre vem chegando! Ele vinha chegando e usava, vou me expressar, um vestido comprido e eu na verdade no momento me assustei e cheguei correr para um potreiro, voltei depois que o padre já tinha... porque ele ia dar benção nas casas e o que eu tenho a dizer Marci, o que acontece, o Padre Teófilo foi um grande trabalhador, por que eu pergunto: naquela época quando ele, ele, planejou construiu uma, uma obra, uma igreja como temos aqui em Machadinho[...] mas ele foi um homem, um ministro de coragem. (VIEIRA, 2017)

Vieira (2017) também relata a sua experiência e motivação para deixar de seguir os mandamentos católicos e passar a adotar a Assembléia de Deus como congregação. Nestes aspectos comenta que tudo teve início no ano de 1964 a partir de uma demanda familiar que por problemas de saúde buscou-se o auxílio de um evangelizador, por indicação de outros membros da família “[...] aconteceu que minha mãe, fizeram uma feitiçaria pra ela [...]” nisso ainda relata o ocorrido que buscou-se a cura por longos quatro anos “minha mãe vomitou um anzol, a minha mãe vomitou uma tesoura de sete centímetros de alumínio, minha mãe vomitou pregos amarrados, maço de cabelo, é uma feitiçaria que fizeram pra ela pra matar, quatro anos Marci[...]. Depois do conhecimento de curas e o encantamento pela palavra de Deus e evangelização, passou-se a dar sequência aos trabalhos com o engajamento de mais adeptos e assim formou-se a igreja e seus fiéis, mas ainda retrata que nem tudo foi fácil: “[...] naquele tempo era um assombro falar de religião aqui na nossa cidade.[...]”

Considerando as descrições sobre a representação de Frei Teófilo, salienta:

[...] tinha uma olaria, ele construiu Igreja aqui, e está até hoje a Igreja. Ele construiu o Colégio das Freiras na época que falava, e ele construiu o nosso hospital de Machadinho que eu admiro esse homem e as pessoas que eu ouvi falar daquela época que eram pessoas idosa e ele ajudaram o Padre Teófilo e unidos, unidos construíram. Está ai a, a Igreja, está aí o hospital que pra saúde do povo então eu admiro muito, fico maravilhado em ver um homem assim [...] foi um grande herói em nossa cidade que deixou as marcas do trabalho. (VIEIRA, 2017)

A partir do ano de 1974 a Igreja Assembléia de Deus no município de Machadinho, passou a ser liderada pelo missionário. Nesta mesma época Frei Teófilo continuava sua condução a Igreja católica e na indagação quanto a ocorrência ou não de algum descontentamento ou problema existente entre as duas frentes religiosas, Vieira (2017) afirma:

[...] nunca aconteceu descontentamento, nunca aconteceu controvérsia, assim um contra o outro, nós amamos ele no tempo que ele viveu em Machadinho, nós amamos ele [...] o Padre Teófilo foi um grande desbravador, foi um homem querido do povo de machadinho, é uma consideração muito grande, nós consideramos muito ele [...].

No âmbito político, já mencionou-se a ativa participação de Teófilo na conquista da emancipação do município. Vecchi (2017) pondera:

[...] ele poderia ter sido o primeiro prefeito de Machadinho, ele foi convidado e foi, como é que vou dizer? Imprensado até por muitas as diretrizes que tinha naquele tempo, pra ele ser o primeiro candidato a prefeito, mas ele recusou. A verdade é essa, por causa da igreja e das coisas dele, mas ele mesmo assim não sendo ele ajudou enormemente o nosso município a ser gente.

2.2. A HISTÓRIA NARRADA PELO FREI

Partindo das concepções do antropólogo Joël Candau (2011), em sua consagrada obra *Memória e Identidade*, uma referência para ciências sociais, as narrativas a serem apontadas casam com a proposta a ser discutida. Apontamentos que trabalham as relações e conceitos entre memórias individuais e coletivas, uma discussão sobre os vínculos estabelecidos entre diversas dimensões da memória na constituição de identidades.

Para o autor, a história é considerada filha da memória e por vezes não legitima o que a memória funda. Para tanto, o historiador é capaz de participar da construção de uma memória e nela pode intrincar-se, embora seu dever em primeira escala seja permanecer vigilante contra ela. Neste sentido, o autor trabalha o conceito da memória coletiva ao minimizar a expectativa de conflito entre as memórias coletivas e individuais. Como solução ao problema, a proposta é que as duas, elencadas como primeiras memórias, a chamada por ele protomemória, o sendo prático por assim dizer, e a memória propriamente dita, que se estruturam em faces individuais e por isso não podem ser compartilhadas. Para o autor, somente a terceira memória, a denominada metamemória, que trata da memória coletiva, é capaz de ser compartilhada, já que é um conjunto de representações da memória.

Candau (2011) afirma que “o patrimônio é uma dimensão da memória” (p. 16) e que “o patrimônio é menos um conteúdo que uma prática da memória obedecendo a um projeto de afirmação de si mesma” (p. 163). Portanto, memória e identidade são dois conceitos fundamentais tanto para abordagens das teorias clássicas, quanto nas teorias mais atuais no campo das ciências humanas e sociais.

Em um ato contínuo, mediante a esta breve conceitualização, a memória de Frei Teófilo é recordada por meio dos seus relatos via entrevista gravada anos antes de sua morte e através dos documentos escritos na casa paroquial que destacam a dimensão das suas atividades enquanto pároco e importantes acontecimentos na comunidade que erram relatados a fim de registro e marco histórico.

O livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora do Rosário, registram os acontecimentos e bens de direito da instituição, narraram o cotidiano e as atividades do dia a dia e importantes datas que marcam a religião católica. Nestes documentos são encontradas as anotações de Frei Teófilo.

Desta forma, as delimitações territoriais, história da colonização e da religião, jurisdições, determinações, foram estabelecidas e registradas no documento. O decreto de criação do primeiro acervo documental encontra-se escrito por Dom Frei Cândido Maria:

Fazemos saber que atendendo as necessidades espirituais de nossos fies de Machadinho, 9º distrito de Lagoa vermelha, hevemos por bem crear, como de fato por este nosso decreto creamos a paróquia amovivel de Nossa Senhora do Rosário, no dito Distrito de laga Vermelha (Machadinho), desmembrando-a do território da paróquia de são Sebastião do Pinhal e de Cacique Doble. (LIVRO TOMBO nº 01, p. 2)

O primeiro registro assinado por Frei Teófilo, narra o fato ocorrido no ano de 1946 assim iniciado “A vinte e um de abril foi bento solenemente o primeiro cepo do Colégio desta Vila. Como comemoração solene do grande ato foi lavrada a ata que segue [...] (TOMBO nº 01, p. 11)

Já mencionado no primeiro capítulo deste trabalho, no ano de 1948 um episódio nada comum assustou a população local e expôs a pessoa do frei a uma possível vitima de uma tentativa de disparo de fogo:

No dia 25 de abril as 9hs da noite, depois de ter sido rezado o terço na Igreja Matriz com bastante frequencia de povo, como é de costume em nossa Igreja Matriz em todos os Dmingos e Dias santos do ano fazer-se. Foi, por pessoa inigna, disparado contra acasa canônica vários tipos de revolver calibre 38. O vigário apesar de estar em casa nada

sofreu. No dia 26, tendo sido levado ao conhecimento da policia, o fato pelo Senhor Demetrio Vecchi, presidente da comissão da igreja, por ter o vigário viajado pelo interior sem ter certeza do fato. A policia abriu inquerito e começou as pesquisas do criminoso...(TOMBO nº 01, p. 17)

Diante deste fato, as autoridades superiores foram comunicadas e como forma de proteção ao Frei, a decisão tomada foi transferi-lo para a cidade de Paim Filho até nova ordem. Obedecendo as ordens no dia 02 de maio do mesmo ano, “entre a tristeza de todo o povo embarcou” (p.18). Passado esse estado de tensão, no dia 15 do mesmo mês, reassumiu a Paróquia de Machadinho.

Nos relatos registrados encontram-se o grande empreendimento arquitetado por Frei Teófilo, a construção e documentação do Hospital São Francisco de Assis com o lançamento da pedra fundamental em 09 de outubro de 1949. Neste mesmo assunto, encontra-se a transcrição da ata que rege a constituição do estatuto da entidade e a unanimidade e “vontade do povo” (p.23) em registrar a posse do bem em nome dos padres Capuchinhos, ou seja, da Mitra de Vacaria – “Sociedade Literária São Boaventura.”

Em entrevista gravada pouco antes de sua morte, e que esta de posse de Maria Araldi e neste estudo teve-se acesso, Frei Teófilo fala resumidamente da iniciativa em se construir um Hospital:

Começamos o hospital, também fazia muita falta aos doentes daqui. Pra, pra São José não tinha estrada e não hospital. Cacique, começou ter hospital, mas estrada que é bom não tinha, Maximiliano veio um médico, ficou um tempinho lá e saiu também, Paim Filho era o recurso. E assim vi o sofrimento daqueles que tinham um doente e começamos a construção do Hospital. (ANTONIAZZI, 1997)

Grande edificação também arquitetada pelo Frei foi posteriormente a Nova Igreja Matriz e aqui cabe deixar o depoimento do próprio sacerdote:

[...] começamos a construção da igreja, porque a nossa igreja era boa mas muito pequena, tinha 7 por 15 metros e 5 metros de forro, mas não dava pro pessoal e naquele tempo tinha influencia de serrarias tal, povo do interior vinha mesmo na missa, com caminhão, de qualquer jeito, de a pé de carroça. E justamente não tinha lugar. Então começamos a construção da nova igreja[...] mas não tinha tijolos, pro hospital compramos tijolos em Santa Catarina [...] e pra igreja não

podíamos fazer, já tinha uma pequena olaria mas não quis fazer os tijolos, então não temos olaria. [...] e graças a Deus foi bem desde o primeiro tijolo. Muito bem feito, caprichado, produzia pouco mas coisa boa e assim fomos fazendo e os tijolos que ainda hoje podemos enxergar na nossa bela igreja de Machadinho. [...] quase 30 anos de labuta, de trabalhos, de lutas, de incessantes. (ANTONIAZZI, 1997)

Não contente com as demandas existentes na localidade, Frei Teófilo registra sua busca pela energia elétrica, mais uma conquista dada ao povo. Neste aspecto ele comenta:

[...] faltava tudo em Machadinho, não tinha luz elétrica, não tinha conforto nenhum, e precisávamos muito por isso eu tomei a frente e engatamos o negócio da luz para que viesse a luz elétrica pra Machadinho que fazia tanta falta do Rio Forquilha que já mandava para Erechim. E depois de muito trabalho, muito pedido, muita espera, conseguimos, depois de 11 anos de trabalho mesmo, aliás digo mal, não é 11 é 6 anos de lutas incessantes e conseguimos. Conversamos com o governador Ernesto Dorneles com o Noel de Freitas que era o grande mandão da luz, mas devagazinho conseguimos e foi uma grande alegria para nós. Primeiro proo hospital, depois na casa canônica na igreja a luz e por fim todo o povo e depois cumprimos as existência dos Estado e todo povo teve luz elétrica aqui na cidade. (TEÓFILO, 1998)

Na vereda política, também se encontram os primeiros registros, com uma conotação tendenciosa, assim escreve Frei Teófilo, “no dia 3 de outubro – Eleições – Houve a mais perfeita harmonia. Tendo ganhado na paróquia os candidatos dos partidos cristãos. ” (p.25). Na mesma perspectiva no ano de 1954 registra-se:

Em agosto e setembro foram recebidas varias circulares avisos e normas sobre as próximas eleições. Destacamos uma na qual foi vetado ao católico votar em Ruy Ramos Pastor Metodista, Divorcista etc... Todas foram lidas e explicadas ao povo na estação da Missa. (TOMBO nº 01, p. 36)

Após a Emancipação Política Administrativa de Machadinho no ano de 1959, ocorreram no ano de 1963 novas eleições municipais, e neste ponto são encontradas consideráveis descrições no livro paroquial. Inicia-se com o registro do afastamento de Frei Teófilo, dos dias 04 a 09 de novembro a fim de evitar que ocorressem comentários

que influenciassem os eleitores, não há informações se esta decisão foi tomada por ele mesmo ou se, nesta mais provável, tenha sido determinação de seus superiores. Mas embora houvesse essa “boa intenção” o livro narra: “Dia 10. Eleições Municipais. Dois candidatos concorreram ao pleito. Flavio Loeiro desta cidade e Armando Biavatti [...] elegendo-se este ultimo homem ignorante, arrogante-orgulhoso, acompanhando-se de elementos perversos. (p.56) É visível uma sensação de mal-estar frente ao então eleito prefeito, mas mesmo que tal anotação fora descrita nos registros, o comentário posterior enfatiza “Queremos salientar que durante toda a campanha, jamais, quer na Matriz como nas Capelas, foi feita uma referencia aos candidatos. Isto eles mesmos confessaram, em Vacaria [...].” (p.56)

Tamanho envolvimento na esfera política, tais influências geraram descontentamentos, que ocasionaram denúncias ao Bispo de Vacaria, queixas contra Frei Teófilo e seu coajutor Frei Henrique:

As duas horas da tarde o vigário Frei Teófilo e o coajutor frei Henrique recebemos forte adomoestação de Sua Excia Rvma D. Augusto por faltas cometidas na campanha poiítica e depois pelo modo de proceder na Igreja, nas práticas e na dministração dos Santos Sacramentos, faltas estas das quais o Sr. Bispo havia recebido denúncia em Vacaria feita pelos Senhores Alexandre Francisco Girardi e Agostinho Baldissera – Verdadeiras calunias. [...] No dia 7 de março reunidos na prefeitura os lideres da mesma conheceu sua Excia, toda malignidade que, quaes fariseus, aninhava-se nos seus corações e tal foi a lançada que recebeu o seu coração de Pastor e Pai que no dia 8 celebrando a Missa das 7,30 com grande assistência de povo e numerosíssimas Comunhões não se sentiu com coragem de dizer uma só palavra. Sendo esta a última vizita de D. Augusto Petró a esta paróquia. (TOMBO nº 1, p. 57)

Frei Teófilo, ao passo que registrava sua rotina e ações dentro dos serviços como sacerdote, também fazia a transcrição de documentos recebidos, atas e cartas fossem elas positivas ou de cunho punitivo. O Livro Tombo traz a redação da carta endereçada ao Sr Prefeito Biavatti, enviada pelo Bispo Augusto Petró na data de 10 de março de 1964:

Aqui transcrevemos a carta que Sua Excia Rvma dirigiu ao Prefeito municipal ao chegar em Vacaria. Ilmo. Sr. Armando Biavati DD. Prefeito Municipal de Machadinho. Inicialmente desejo agradecer sua compreensão referente ao “caso” Pe. Henrique. A oposição da maioria, presente a reunião não permitiu uma composição do delicado problema, apesar de que o Sr. Governador do Estado, Dr. Ildo Meneghetti, tenha consentido em reconduzir Pe. Henrique como professor. Não faltou de minha parte esforço e boa vontade. Agora surge outro problema, não menos delicado. As férias d Rvmo Pe Teófilo, tiradas por ordem Superior, sem despesas para a Paróquia, foram comentadas muito desrespeitosamente, pelo presidente da Camara Municipal, ferindo profundamente a honestidade e dignidade Sacerdotal. Diante da Atitude tão insólita do Presidente d Poder Legislativo, o Rvdo Pe Teófilo já não se sente á vontade para trabalhar em Machadinho, pedindo sua renúncia da Paróquia. Lamentando duplamente o ocorrido devo confessar que sou coagido a amparar o Sacerdote contra a maldicencia. Não dispondo de substituto, nem sendo fácil contornar o novo problema, comunico-lhe cm pesar, que a partir desta a paróquia de Machadinho permanecerá vaga. Neste ensejo renovo os sentimentos de estima e consideração. D. Augusto Petró. (p.57-58)

Toda esta indisposição, logo apareceu registrada por Frei Teófilo com a menção de que os líderes políticos locais, sem mesmo antes ter recebido a carta do Bispo já havia se dirigido a Vacaria a fim de desculpar-se pelo equivoco e retirando qualquer indicio de negatividade em aceitar Pe. Henrique como professor, motivo este aliado a retirada dos sacerdotes locais, terem sido segundo registros de Frei Teófilo o propósito dos chefes políticos dá época.

As notas de Teófilo, também mencionam o período militar, com apontamentos a acusar o poder municipal resumido a figura do prefeito:

Abril – 1º Revolução – Em toda paróquia reinou a máxima calma – não houve a minima manifestação [...]. Maio – Aproveitando-se do Ato Institucional foram prezas muitas pessoas inocentes – cometendo-se gravíssimas injustiças por parte dos dirigentes do poder municipal.

Passado estas tensões, em um clima mais harmonioso a partir de 1970, a Paróquia promovia ações que formassem as diferentes lideranças. Nisto Frei Teófilo comenta a parceria entre a religião católica e a Prefeitura Municipal para organização de palestras de cunho formativo direcionado a professores e catequistas com pautas como: “Mentalidade e criatividade comunitária” aliada a aprendizagem em geral e “Técnicas de catequese,” trabalhos estes conduzidos por Padres.

No ano de 1972, o colégio que possibilitou a formação de muitos machadinhenses, foi demolido e antes disso já havia sido construído um novo espaço para as acomodações das quatro irmãs que nele residiam. Neste mesmo propósito em recursos do hospital “passamos a construir uma pequena casa junto às águas termossulfurosas de Piratuba, que servirá de descanso e férias dos Padres que a procurarem.” (TOMBO nº1, p.70)

Ainda no mesmo ano, Teófilo registra a grandiosa satisfação em comemorar a luta de três anos de obras para o término da parte interna da Igreja Matriz:

Foram três anos desde que iniciamos as obras do acabamento interno da Matriz, três anos de trabalhos, sacrifícios e lutas com os poucos recursos desta paróquia e do povo pobre e ainda sacrificado pelas interperies. No entanto, com a graça de deus e o patrocínio da Virgem Maria vimos nossos esforços coroados de pleno êxito.

Com o passar do tempo, as atribuições dadas ao até então pároco, foram sendo incumbidas a seus substitutos. Mas ele não se desligou na comunidade local, principalmente por determinação do Bispo Diocesano, registrado em no Termo de Visita Paroquial em 16 de maio de 1976 “Frei Teófilo será o único representante pela administração dos bens que a ordem dos Capuchinhos tem nesta paróquia, como também pela administração passada da Paróquia, até março de 1976.” (TOMBO nº 01, p. 81) A partir deste termo, não houveram mais registros nos documentos paroquiais em que se teve acesso, de narrativas de Frei Teófilo Antoniazzi.

A partir destes relatos compreende-se que a participação do Frei permeou o campo social, político e econômico como já se havia mencionado, descrevendo ações

dentro na instituição católica como: apostolado da oração, crismas, eucaristias, novenas, confissões, batizados, cerimônias, missões, reuniões, visitas as comunidades, entre outras; no campo econômico edificações, demolições, empreendimentos; e na esfera política as mais distintas participações e intervenções que embora geraram por vezes desafetos e dissabores, constituíram também as frentes de luta para o progresso local. Ao analisar a distinção entre as narrativas do Frei, apresentam-se conceitos relativos por vezes a memória fraca que por característica não possui contornos bem definidos, uma estrutura superficial, e, desta forma, nem tudo ao passo que nem sempre fosse compartilhada pelos indivíduos. Segundo Candau (2011) o autor, tal perfil de memória passa pelo risco de passar por desorganização de sentido e como contribuição passar a desneutralizar um determinado grupo. Por outro lado, é viável indagar se as memórias chamadas de fortes, mas concisas, também não tenderiam a desorganizar sentidos, já que em partes limitam a pluralidade de recordações. Esta diferença entre ambas, comporta o fato de que na memória forte as características são dadas pela capacidade de estrutura de grupos humanos, uma espécie de estrutura que “segundo a relativa margem de manobra identitária das pessoas dentro daquele conjunto de lembranças. (CANDAUI,2011,p.125)

2.3. A HERANÇA IMATERIAL E A REDE DE SOCIABILIDADE

As análises centradas na figura do indivíduo são representadas assim como a convicção de muitos historiadores de séculos passados. A micro-história fez e faz parte desta narrativa como principal forma de abordagens e articulações. Na alternância de escalas, especialmente tratando desta de redução, pode ser problematizada e estudada, ancorando estudos a cerca de indivíduos capaz de permitir uma conexão entre o passado e o presente. Defensores da história com centralidade no indivíduo, como Levi (2000) aponta que, tal método permite a compreensão e desenvolvimento de normas sociais, sendo que a complexidade das trajetórias individuais manifestam-se como formas de acessar a descontinuidade do sistema de normas em preocupação das realidades sociais .

A participação de Frei Teófilo Antoniazzi marca a história de Machadinho. Em primeiro momento porta e estrutura registros sejam eles na memória, como já discutido

por meio do imaginário, por meio de seus próprios registros e mais ainda por deixar de legado uma herança baseada na materialidade, mas mais importante que isso, a formação de uma comunidade que imaterialmente visualiza seus feitos e o reverencia estabelecendo outras configurações de fazer história.

O imaginário social é formado por um acervo de relações não palpáveis que aparecem como memória afetivo-social de uma determinada cultura, um composto de ideologias aportado pela comunidade. Nisso trata-se de uma produção coletiva, pois é o acúmulo da memória que pessoas ou grupos carregam do seu cotidiano. Nessa dimensão, identifica-se distintas percepções de indivíduos sociais em relação a si próprio e de relação aos outros, quer dizer, como eles se interagem fazendo parte da coletividade.

Estudando a história de “dentro”, a partir dos relatos proferidos pelos indivíduos abordados e que conhecem a história do sacerdote, é visível em alguns aspectos percepções distintas que são dadas das diferentes formas de relações sociais. O apreço pela irreverente forma de conduzir tanto a igreja como a comunidade são quase que relativamente concordantes embora ocorram também de forma mais analítica.

Nas entrevistas, diferentes formas de ver o Frei foram evidenciadas. As relações de proximidade ao longo da vida pessoal do sacerdote fizeram com que prevalecesse o viés de ser humano dotado de qualidades, onde as poucas imperfeições, embora pinceladas, foram meramente passadas como despercebidas. As relações de poder profetizaram a grande irreverência do indivíduo, dotado de conhecimento, cultura e por isso tinha o aval da comunidade por ele subordinada. Há ainda de se convir que tanto ele, como entrevistados, reconheceram a sua estima pela convicção religiosa, em tendenciar escolhas políticas e fazer vigorar as recomendações católicas a fim de fortalecer sua ideologia.

Destaca-se que na maioria das vezes, a figura do Frei representa como um ídolo que enfrentou pela localidade o possível e o quase impossível. A ideologia católica foi tonificada fazendo dela por muito tempo a única referência local, não esquecendo que essa preferência religiosa historicamente constituiu grande parte das localidades. Em Machadinho a igreja carrega a história do Frei seja de maneira palpável ou na imaterialidade já que o próprio líder religioso a edificou.

Nesta escala de observação, não menos importante destaca-se a inserção política nesta rede de sociabilidade. Frei Teófilo idealizou a emancipação política e acompanhou todo o processo de independência administrativa que nomeou Machadinho como Município. Então neste aspecto aparecem indícios de que suas preocupações não eram meramente fortalecer a Igreja católica, mas também promover o avanço como um todo na terra em que passou a admirar, não esquecendo que se feitos fossem conduzidos por ele, a relação estaria sempre associada a sua figura e conseqüentemente a quem representava. Sendo assim, a ação dos indivíduos são dadas de modo que estruturam-se suas posições no universo de possibilidades. A micro-história permite a construção de “cadeias de causalidade a partir da escolha de indivíduos singulares e de como esses mesmos sujeitos tecem as redes de relações sociais” (ROSENTAL, 200, p. 152-153). Nesta reconstrução de cadeias de causas, o que tem relevante importância, não é apenas o que aconteceu, mas “tudo o que produziu o que aconteceu ou poderia ter acontecido” (ROSENTAL, 2000, p. 172).

CAPÍTULO 3

O ponto de partida deste capítulo estrutura-se na esfera do arcabouço de conservação legal de um Museu enquanto espaço de preservação da memória, com um propósito principal na sociedade, o de informar e apresentar a herança cultural de um determinado povo, co-relacionado, neste estudo, a reflexão de questões da herança material e imaterial deixadas por Frei Teófilo no Museu Mirante Torres, espaço construído para aproximar o indivíduo na extensão do tempo e manter viva a sua história.

3. O MUSEU COMO UM ESPAÇO DA PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA E A NARRATIVIDADE

Uma parcela das reflexões teóricas, tomadas como suporte e apontadas por Paul Ricoeur (1994) associa o tempo por meio do tema da narratividade, conectadas às reflexões de *Tempo e Narrativa* que tende a investigar aspectos da historiografia, da semiologia dentro da narrativa e da fenomenologia do tempo a fim de buscar uma ideia que permita a mediação entre objetos de narrativas e os sujeitos inseridos dentro da história real que cria análises e limites de representações de relações ou distinções entre significante e significado. Nisto o autor não se refere somente a aspectos de ficção ou do imaginário como representações das ações humanas, mas permite a inserção da experiência da história como um espaço de elaboração narrativa, deste modo relaciona a teoria da história e a narratologia em uma interpretação, onde a arquitetura ou literatura, ou ainda qualquer outro discurso estruturado são respeitados em uma ocupação do pensamento descrita por ele como mimética, com isso, Ricoeur afirma que o espaço é aproximado ao tempo narrado, isto é, o espaço edificado é um arquivo que sustenta a memória.

Partindo da afirmação do filósofo pode-se destacar que “o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, e a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal” (Ricoeur, 1994, p. 85). O entendimento de si e do universo percorre a análise de signos e obras

que são encontrados ao longo do caminho e que estruturam a existência particular. Para tanto, histórias e narrativas de vida não são informações captadas, são sempre encontradas por intermédio de narrativas que os indivíduos se explicam: “[...] compreender o mundo dos signos é o meio de se compreender”. Assim, nossas vidas vão corresponder ao “tecido de histórias narradas” (Ricoeur, 1994, p. 356) que reproduz e configura a experiência humana, por isso, narrar é situar um local ou indivíduo, mesmo no imaginário para experiências do pensamento.

Por se tratar de referenciar, neste caso um local, fala-se do Museu enquanto um edifício que postula a cópia da ação humana, sendo assim é exigida uma compreensão mínima de seu entendimento, ou seja, a possibilidade de identificar por meio de traços estruturais e através dos meios simbólicos o tempo. Nestes aspectos, as evidências se encontram na propriedade de utilizar de modo expressivo o conceito de trama conceitual, quer dizer, na competência de extrair o significado da ação. Descrito pelo autor e que vai de encontro com essa narrativa, se tratando de arquitetura o significado passa em compreender a expressão do fazer a arquitetura e suas conceituais estruturas caminhando com a tradição nos termos da cultura se insere o objeto. Do mesmo modo é viável descobrir os motivos que levaram idealizadores da ação a enveredarem para determinadas direções e posições no planejamento e durante o percurso. Dito por Ricoeur (1994) “compreender a história é compreender como e por que os episódios sucessivos conduziram a essa conclusão, a qual, longe de ser previsível, deve finalmente ser aceitável, como congruente com os episódios reunidos” (RICOEUR, 1994, p. 105).

A narratividade apresentada como consciência importante da História, reiterada por Ricoeur, apresenta considerações a ser destacadas, significativamente o modo de garantir, a volta, o retorno do vivido, da emoção e da atividade humana ligada a uma historiografia que por momentos causava a impressão de quase se abstrair do homem. Por isso o autor resgata uma função que por vezes pareceu adormecida, a “História Mestra da Vida” – não uma obrigação para grandes nomes, mas sim para o próprio ser humano que caminha no dia-a-dia o desafio de viver.

3.1. A CRIAÇÃO DO MUSEU MIRANTE TORRES

A denominação de museu deriva de *Museion – templo das Musas* – que, em Atenas, era constituído apenas como um espaço dedicado a um guarda-tesouros, isto é, uma coletânea de pertences considerados preciosos e que eram destinados aos deuses. Com o passar do tempo, ocorreram transformações que assim como na Idade Média construíram espaços com o objetivo de armazenar objetos de cunho artístico e com valor expressivo valiosos. Não menos importante, a ideia do museu passou a compor um espaço educativo que se destacou ao longo dos tempos. Vale considerar que há pouco incentivo tais práticas e atividades educacionais que passem a valorizar a cultura e a própria individualidade social, material e humana contribuindo de forma lenta ao conhecimento do cidadão e o propósito da valorização da história do seu lugar, da sua origem e da sua cultura.

O Estatuto Brasileiro de Museus, por meio da Lei nº 11.904/2009, considera como museu uma instituição sem finalidades lucrativas capaz de conservar, comunicar, investigar, interpretar e expor com o objetivo de preservar conjuntos de valor histórico, valor artístico, científico e técnico de outras naturezas culturais, a serviço da sociedade e de seu próprio desenvolvimento. Assim sendo, o museu é considerado uma instituição de coleções que organiza sua proposta e natureza de acordo com a que se destina, com a finalidade de realizar e salvar, pesquisas e comunicações de bens culturais imateriais e materiais que constituem o acervo. Com isso, o espaço do museu, carrega uma função social, de cultura e de pesquisa. Seu acervo consiste em criações artísticas, bens materiais criados ou deixados pelas comunidades em forma de expressão cultural e tradição preservada por um grupo. A organização funcional e de estrutura dessa instituição é pautada em métodos e técnicas que visem uma melhor maneira de documentar, conservar e divulgar as variedades de acervos.

Segundo o Conselho Internacional de Museus - ICOM - apontado por Vieira de Medeiros (2013):

[...] o museu deve ser considerado uma ‘instituição sem fins lucrativos, permanente, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, e aberta ao público, que adquire, conserva, pesquisa, divulga e expõe, para fins de estudo, educação e

divertimento, testemunhos materiais do povo e de seu ambiente’ (página 786).

Neste cunho de sociabilidade, testemunho e local de conservação e visitas, destacam-se os primeiros registros da implantação do Museu Mirante Torres, que vem disposta no arquivo da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário, uma anotação que destaca a característica do Município de Machadinho em ser um local turístico e oferecer atrativos para descanso e lazer, aliado a isso, nascia no ano de 2007 a ideia da criação de mais um espaço para visita, conforme descreve o Pároco Uri Nivaldo Guzzo:

Turismo: Machadinho está acolhendo muitos turistas. As águas termais com sua ótima localização estão despertando o interesse de muita gente das cidades vizinhas. No mês de dezembro p.p a participação chegou a ultrapassar 2 mil visitantes e com isso cresce também o turismo religioso. Nos próximos meses teremos o início do Projeto Torres da matriz, transformando os andares das torres em lugar de visita como outros locais turísticos. (TOMBO 03, 2007, p. 07)

Desde a construção da Igreja matriz, a coluna lateral à direita, disponibilizava um acesso via escada até o topo da torre. Porém, esta estrutura encontrava-se em rústicas condições e que não permitiam uma disposição mais conservada e adequada para a execução do projeto, uma escada reta sem nenhuma arquitetura condizente com o propósito planejado.

O documento de posse da Igreja traz o assentamento do início dos trabalhos de execução do Projeto e destaca as condições enfrentadas:

A Secretaria de turismo vinha estudando a dois anos a possibilidade de aproveitar as torres da Matriz e transformá-la em ponto turístico. A paróquia não tinha e não tem condições financeiras (pal) para tal empreendimento. Foi lançado o projeto e buscado o apoio de amigos que doaram o madeiramento para as escadas. O conselho comunitário assumiu por parte da Paróquia o pagamento da mão de obra. Hoje 20 de agosto foram iniciados os trabalhos. Em duas semanas deverão estar concluídos. Para um novo visual da matriz está cogitada a

lavagem da fachada da igreja com pintura nas partes “frisos” brancos que darão um realce especial já que a igreja é uma obra de arte admirada por todos os visitantes e constitui um belo cartão postal. (TOMBO 03, 2007, p. 10)

Em um primeiro momento acredita-se que a criação do ponto turístico tenha sido manifestado não com o intuito de transcrever ali a história de Frei Teófilo, mas sim como um local para vislumbrar pelas alturas, no topo da Torre, a dimensão da natureza, da cidade e do horizonte, o local mais atrativo da cidade para se ter uma vista panorâmica. Não esquecendo que o viés religioso esteve sempre embutido, em primeira instância por se tratar da Igreja matriz, edifício que permitiria a atração turística, posteriormente caminhou-se para iniciativa de incluir neste empreendimento, o acervo particular e a história do líder religioso.

Os propósitos das análises neste campo foram por parte transtornadas, já que pouco ou quase nada, se encontrou de documentos arquivados que corroborassem com a tratativa de considerar projetos e objetivos da implantação do Museu Mirante Torres. Mas tomando como rédeas a própria condição oferecida e o senso comum existente, o espaço concentra um acervo de objetos do Frei, hoje de posse da igreja católica, que busca transmitir um pouco da sua vida em Machadinho.

O arquivo paroquial, transcreve e manifesta em poucas palavras as programações festivas de final de ano na cidade e a inauguração do espaço turístico na Igreja Matriz: [...] muitas outras atividades foram desenvolvidas até o dia 22 de dezembro de 2007 e com missa festiva foi inaugurado o Museu Torres [...]. (TOMBO 03, 2007, p. 13)

3.2. A EXPOGRAFIA MUSEOGRÁFICA E O MUSEU MIRANTE TORRES

Para analisar a questão expográfica do museu e seus espaços expositivos, deve-se remeter à questão da museologia, que é estruturada como uma área específica do

conhecimento com a finalidade de viabilizar uma produção de saber e comunicação em espetros que estudam a memória. Os cadernos de Sociomuseologia apontam que:

A identificação das associações mentais, que têm contribuído para a formação do pensamento museológico, tem sido lenta e dispersa em diversas partes do mundo. Esta realidade epistemológica que envolve a Museologia, tem dificultado, também, a elaboração de princípios básicas e hierarquizados de raciocínio sobre o fenômeno museal. (Nº9, 1996, p. 12)

A sociedade tende a fomentar hábitos, costumes, preservar objetos antigos, nisto é notório que tais artefatos ao longo da história, fizeram parte da construção de uma localidade ou de um indivíduo que necessitam de um local de destaque. Assim sendo, fica inquestionável o valor de cada artefato, pois ao passo que foi criado ou utilizado a ideia de preservá-lo pode existir desde a sua produção e neste papel, o museu, herda uma ação de preservação como parte de um processo social também como fenômeno mundial.

Segundo o Caderno de Museologia nº9 (1996) é reafirmado que:

[...] a preservação é a função básica de um museu e que a partir dela estão subordinadas todas as outras, tais como coleta e estudo dos objetos e/ou referências patrimoniais (conservação e documentação) e comunicação (exposição, educação e ação sócio-cultural [...]) (1996, p. 14)

No aspecto da preservação, as definições entrelaçam-se com datas e momentos históricos que estão relacionados a questões de sobrevivência de grupos ou indivíduos. Como forma de propagar a herança, solidificam-se atos de manter, guardar, repetir a fim de transmitir, todas estas ações conectadas ao um universo por vezes infinito de patrimônio, e nisto os museus são apontados como falhos, já que não tem a estrutura ou acervo necessária para representar a herança patrimonial.

Em contraponto, e por vezes tendendo a concordar, o Museu Mirante Torres, contempla um espaço ímpar da história da construção do município. Por meio da investigação, foi possível constatar que cada objeto exposto não comporta um

documento de catalogação que permita a compreensão patrimonial de tal artefato, da mesma forma que toda a iniciativa de edificação do espaço turístico não conecta técnicas da museologia que tornariam o espaço ainda mais carregado de cultura e sociabilidade. Bem, se controvérsias existem, como já dito, há de se destacar o quão significativo é o espaço de preservação da memória, já que se não existe a técnica propriamente dita, há a intenção de perpetuar por meio dos degraus do espaço, a história da localidade, mas isso será analisado no decorrer desta produção.

Tomando como relevante a museologia e seus conceitos, o Museu em destaque, estrutura-se como um Patrimônio Comunitário, com papel de fazer parte da sociedade em que está inserido, um bem material que permite ao cidadão a condição de zelar por ele sendo assim visa compartilhar os bens em um espaço definido, bens estes que ao longo de um processo histórico e com o passar do tempo tem apreciável significado a ponto de transcender a identidade cultural de um determinado grupo, neste caso pode-se chamar de determinada localidade.

Cabe considerar ainda que como a ponta Guarnieri (1989):

Quando musealizamos objetos e artefatos (aqui incluídos os caminhos, as casas e as cidades, entre outros, e a paisagem com a qual o Homem se relaciona) com as preocupações de documentalidade e de fidelidade, procuramos passar informações à comunidade, ora, a informação pressupõe, **conhecimento** (emoção/razão), **registro** (sensação, imagem, idéia) e **memória** (sistematização de idéias e imagens e estabelecimento de ligações). E a partir dessa memória musealizada e recuperada que se encontra o registro e, daí o conhecimento suscetível de informar a ação. (p. 8)

3.3. SITUAÇÃO DOS ACERVOS E TÉCNICAS GERAIS DE CONSERVAÇÃO

A partir das fundamentações a cerca da estruturação conceitual de Museu e a Museologia, parte-se agora para a parte técnica que caracteriza o espaço físico, objetos, exposição considerando fatores ambientais e a conservação do acervo.

A conservação de artefatos, de modo geral esta relacionada ao material que foi produzido, suas técnicas de construção ao longo da trajetória as circunstâncias de armazenamento. O objeto conservado em condições favoráveis de armazenamento e exposição, minimiza fatores de deterioração, cabendo apenas atentar-se a manutenção preventiva, com técnicas de higienização, controle de pragas, proteção, contato preciso e outras atenções.

O processo de ruínas pode surgir com o passar do tempo e nisto há a necessidade de uma ação que neutralize e recupere as degradações presentes no objeto. Para isso, a intervenção de um profissional especializado na área de restauração é indispensável para que produza um diagnóstico da situação de conservação, analisando as condições físicas, a gravidade da deterioração a proposta de reparos. Estes procedimentos que propõem restaurar, só devem ser acionados mediante a extrema necessidade, caso contrário a orientação é trabalhar para melhorar a conservação existente.

Os objetos passam por processos naturais de desgaste que provem das reações na estrutura do acervo, que procura um equilíbrio com o ambiente em que está inserido. Existem ainda, além do processo natural, os chamados de fatores externos que criam condições favoráveis a aceleração da deterioração, sobretudo se os acervos se tratarem de materiais orgânicos. Neste caso fatores ambientais podem ser determinados como principais fundamentos da alteração dos materiais.

O Museu Mirante Torres que comporta o acervo patrimonial de Frei Teófilo Antoniazzi e nele carrega uma herança tangível e intangível, está localizado no centro de Machadinho, junto a Igreja matriz Nossa Senhora do Rosário, como já mencionado anteriormente.



Figura 9- Entrada do Museu (Fonte: Marceane Catia Santolin Biscaro, 2016)

Apontado como desafios, a conservação preventiva de objetos presentes em acervos museológicos é discutido por Guimarães tratando “do controle da deterioração química, danos mecânicos e a biodeterioração.” (GUIMARÃES, 2012, p. 15). A autora ainda cita alguns fatores extremos:

[...] físicos: temperatura, umidade relativa do ar, luz natural ou artificial; químicos: poeira, poluentes atmosféricos e o contato com outros materiais instáveis quimicamente; biológicos: micro-organismos, insetos, roedores e outros animais; antrópicos: manuseio, armazenamento e exposição incorreta, intervenção inadequada, vandalismo e roubo; catástrofes: inundações, terremotos, furacões, incêndios e guerras. (GUIMARÃES, 2012, p. 15-16).

Corroborando com a temática das condições que influenciam na conservação, a localização geográfica do Município cabe ser expressada, por estar localizado nas proximidades da Serra gaúcha, região fria e conseqüentemente úmida, com grande incidência de nevoeiros, ventos e baixas temperaturas, promove condições favoráveis para problemas de conservação, fator que requer atenção.

O Museu Mirante Torres é constituído por diferentes objetos para exposição e de maneira geral se constituem de diferentes materiais, o que requer ainda mais atenção na preservação, já que cada composição comporta um determinado tipo de cuidado. Encontram-se peças em metal, tecido, papel por meio das fotografias e quadros, sendo estruturado por materiais orgânicos e inorgânicos como aponta Guimarães (2012) e determina que os materiais e acervos são classificados em dois grupos: materiais orgânicos que em sua composição são feitos de madeira, papel, couro, tecidos, fibras de animais e vegetais, madeira, entre outros e ainda os materiais inorgânicos: com maior resistência por assim dizer como porcelanas, metais, pedras, cerâmicas, vidros entre outros.

Associado ao reconhecimento do material que compõem o acervo, há a necessidade de uma atenção ao manejo, manuseio e gerenciamento dos objetos, isto levando-se em conta aspectos de visitação, exposição e manipulação. Expressa-se a frase citada por Souza “Conservar para não restaurar” (1962, p. 4) frase que é proferida por muitos que se debruçam na preservação dos chamados bens culturais. O autor atenta ainda que a conservação não é apenas ter o cuidado para manter as características de um objeto, mas sim uma atuação consciente que controla riscos e para isso reitera-se a necessidade de qualificação para a atitude de preservar.

Ao fazer menção a importância de profissionais qualificados nos cuidados com o espaço historiográfico, o Museu em análise carece de uma atenção especial. Desde sua criação o serviço de limpeza e manutenção, assim como os de “reparos” são feitos por leigos, não se criticando aqui a figura de quem os faz, mas atentando para a falta de capacitação dos prestadores de serviços.

Levando em consideração uma breve análise do acervo exposto e de suas condições de manutenção, constata-se que o tempo e todas as influências ambientais, biológicas e naturais aliada a falta de técnicas profissionais de preservação e posterior conservação, tem comprometido tanto o espaço de exposição como os artefatos.

Este microambiente, estruturado por uma sala parcialmente aberta, concentra grande parte do vestuário, objetos religiosos, utensílios pessoais e instrumentos de vida e trabalho de Frei Teófilo. Com piso de alvenaria coberto por lajotas antigas, o chão encontra-se em bom estado de conservação. Partes das laterais da sala são estruturadas

por tijolos brutos e cimento, material original da construção da igreja, sem reboco ou selagem através de verniz ou tinta, mesclado com paredes rebocadas e pintadas que apresentam urgência de reparos, vidraças trabalhadas e parte dos vitrais coloridos. Estas paredes, assim como toda a estrutura da igreja, necessita de reparos urgentes, encontram-se grandes rachaduras, decorrentes de material desgastado e deteriorado pelo tempo, levando em conta a sua artesanal edificação e material rudimentar desproveniente de composição para resistência de umidade e calor.



Figura 10 - Teto da Igreja com rachaduras / Paredes do ambiente interno (Fonte: Marceane Catia Santolin Biscaro, 2016)

A sala dispõe de espaço adequado para circulação tranquila de turistas e visitantes, sendo possível percorrer em meio às exposições de forma fluente e articulada, além de vislumbrar a belíssima estrutura na parte de baixo, vista de cima, contemplando a exposição dos bancos, centralidade do altar e exposição de demais objetos da parte inferior da igreja.

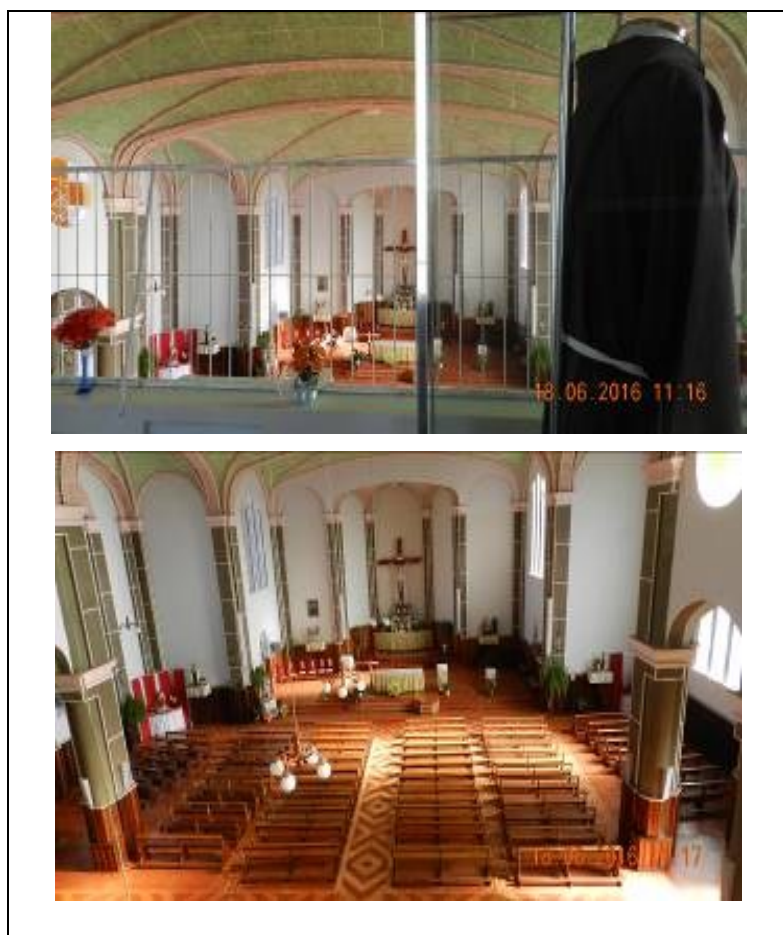


Figura 11 - Vista durante a visitação. (Fonte: Marceane Catia Santolin Biscaro, 2016)



Figura 12- Objetos pessoais de Frei Teófilo. (Fonte: Marceane Catia Santolin Biscaro, 2016)



Figura 13 - Objetos pessoais de Frei Teófilo – Túnica. (Fonte: Marceane Catia Santolin Biscaro, 2016)

Embora os objetos pareçam estar “salvos”, já que parte deles estão cobertos por vitrais, materiais de papel e têxtil sofrem degradações pela própria passagem do tempo por suas composições orgânicas assim como metais passam por processos físico-químico de corrosão. Um inimigo presente e visível é a exposição da luz que não só modifica a pigmentação dos materiais como também desenvolve o processo de degradação das estruturas das fibras. Por meio das imagens apresentadas, visualiza-se que as peças estão expostas a diferentes focos de luminosidades sem proteção, sobretudo por estarem alocadas no lado leste da posição atmosférica e nela receber desde os primeiros raios solares do dia até que ele perpassse seu curso horário. Não só a incidência solar prejudica o objeto como também a própria luminosidade interna, por meio de lâmpadas fluorescentes que alimentam o sistema de iluminação elétrica da Igreja que celebra momentos noturnos de orações e visitação na parte inferior do prédio.

Se até então foram observados os fatores de risco e a atual situação de preservação, faz-se necessário brevemente elencar algumas possibilidades de conservação a partir do diagnóstico de estado e identificação de sua natureza e composição considerando fatores químicos, físicos naturais ou ambientais.

As estratégias a serem apontadas como métodos de conservação, partem das orientações de Guimarães (2012). Como uma problemática salienta-se a própria umidade relativa do ar aliada as mudanças de temperatura que podem causar deformações, fissuras e empenamento de materiais. Para isso a autora orienta que em “espaços de exposições o indicado é que os índices de umidade relativa e temperatura permaneçam o mais estável possível, pois as variações destas condições são as

principais causas de deterioração dos acervos.”(GUIMARÃES, 2012, p. 17) Desta mesma problemática decorre a corrosão de metais e a chamada de hidrólise, que com a presença de água diminui o tamanho das moléculas, ocasionando a deterioração de fibras e a avaria de sua resistência em têxteis e papéis. Por isso o controle climático é uma boa aposta, mas ele difere de sistemas tradicionais de ar condicionados, aliados a equipamentos de monitoramento. Seu desempenho tende controlar não só a temperatura, mas principalmente as taxas e oscilações de umidade relativa do ar.

A grande maioria de matérias de composição orgânica também são propícias para o aparecimento de brocas e cupins que degradam os materiais. O mais tradicional manuseio é a utilização de inseticidas que por vezes são ineficientes e podem prejudicar objetos e a própria saúde de quem os administra.

Algumas atitudes devem ser reiteradas a fim de preservar o local, e parte delas são levadas em consideração no Museu Mirante Torres, como: distanciar objetos de janelas e portas diminuindo o contato com o ar e a proteção com a cabine de vidro possibilita isso assim como manter a mobília que armazena os objetos afastadas da parede; permitir uma visitação controlada sem grandes aglomerados de pessoas e esta orientação é observada ao acessar o museu; com relação a limpeza não utilizar vassoura e pano úmido o ideal é o aspirador de pó (nisto tem-se um problema, já que a limpeza é feita sem preparos) ; verificar as condições das paredes e observar a presença de rachaduras, infiltrações que permite a entrada de umidade e isso de fato é um problema encontrado entre outros cuidados.

A autora descreve a atenção a incidência de luz, problemática já mencionada como existente:

A incidência de radiação da luz natural e artificial é prejudicial aos objetos, uma vez que seus efeitos são cumulativos e irreversíveis, provocando danos irreversíveis, capaz de fragilizar os materiais constitutivos dos objetos, introduzindo um processo de envelhecimento acelerado. Por exemplo, nos objetos orgânicos a luz provoca a modificação das cores e amarelecimento, mas também afeta a resistência mecânica dos materiais, como a perda de elasticidade nos tecidos. (GUIMARÃES, 2012, p. 21)

Como forma de diminuir o problema são recomendados alguns aspectos:

[...] manter as cortinas e persianas fechadas, para evitar que os raios solares incidam diretamente sobre os objetos expostos ou armazenados;[...] ; usar filtros especiais em tom apropriado para uso em museus, aderidos aos vidros para barrar a entrada de radiação ultravioleta, de forma a reduzir os efeitos fotoquímicos. Substituir periodicamente os filtros, conforme orientação do fabricante; cobrir as vitrines, caso o material seja extremamente sensível à luminosidade; usar a iluminação indireta como recurso expositivo; reduzir a iluminação artificial ao mínimo possível nos locais das reservas técnicas e exposições. O ideal é manter as luzes apagadas quando não tiver visitantes na exposição e não estiver realizando atividade no local de reserva técnica; as lâmpadas incandescentes devem ser fixadas longe do objeto exposto, e as fluorescentes, apesar de não emitirem calor, devem ser usadas com filtros para radiação UV e não esquecer que o reator emite calor; evitar a utilização de equipamentos com emissão de flashes diretamente sobre o objeto, pois apresentam uma concentração em raios UV e IV. (GUIMARÃES, 2012, p. 21-22)

3.4. O MUSEU MIRANTE TORRES E A SUA HERANÇA

Expostas algumas considerações que tratam da conservação do espaço cultural, Faz-se agora uma menção a exposição enquanto canal de comunicação entre o visitante e o museu, um caminho que permite como já dito, o conhecimento da cultura material e imaterial exposta e uma aproximação do ser histórico.

As novas formas de exposição dão novos significados aos objetos, estruturando a exposição do acervo de forma que o público tenha uma compreensão maior do seu significado, tendo o entendimento da diversidade quanto a origem da cultura, da classe social e outras características. Portanto, a sua estratégia é autoexplicativa, de fácil compreensão se visto pelo leigo, por isso cada artefato mostrado tem significado ímpar.

Na construção de novas abordagens, a partir das décadas de 1970 e 1980 surgiram movimentos ideológicos que implementaram um modelo de museu mais humano, com o comprometimento de problemas sociais dentro das comunidades. Neste sentido, a proposta de um denominado *Novo Museu* se evidenciou e este se estrutura em três principais elementos: “a identidade local, a perspectiva ecológica e a participação da população” (BRULON SOARES, 2008, p. 5), movimento que teve a consideração de célebres pensadores.

As modificações de ênfase nas exposições, são elencadas segundo a museóloga Marília Chavier Cury (1999), como transformações que anteriormente tinham viés contemplativo e as exposições eram planejadas apenas por uma única pessoa ou por um pequeno grupo de indivíduos, conforme a classificação dos artefatos do acervo. Com isso, somente profissionais ou pesquisadores teriam a capacidade de compreender o significado da exposição e isso causava uma atitude mais passiva ao visitante. Com as novas tendências, as propostas criam condições para que o visitante compreenda o espaço, sendo uma ação ativa no que se trata do visitante. Desta forma as exposições passaram a ter um planejamento e preparo sob a ótica do visitante. A busca neste direcionamento, permitiu uma reflexão e a experiência de apropriação de conhecimento por parte do público.

O Museu Mirante Torres pode ser apresentado com a característica deste novo modelo de abordagens, já que permite uma compreensão vista pelo visitante, a cerca da história da localidade em meio a exposição dos objetos e da própria forma de narrar os fatos através da mostra de quadros e banners que relatam as condições e imagens de determinada época, bem como a presente participação de Frei Teófilo nas transformações ao longo do tempo.



Figura 14 – Entrada/ Inicia a história /Momentos marcantes. (Fonte: Marceane Catia Santolin Biscaro, 2016)

No primeiro contato com o museu, o visitante transcreve seu nome em um caderno de registros que serve como arquivo de visitas. Não há precisamente como identificar o total de vistas realizadas até hoje, já que os cadernos não são numerados e nem todos estão arquivados, mas segundo os responsáveis pela manutenção do espaço em média há um total de 100 a 150 visitas/mês, alguns períodos do ano com menor fluxo e em outro maior devido os demais atrativos turísticos que movimentam a cidade em grande escala na estação do verão e em período de férias escolares. Mediante a situação econômica que requer a mínima manutenção do espaço, atualmente são cobrados dois reais a cada visitante para que acesse o espaço e permaneça o tempo necessário para apreciação da história. A partir desta contribuição o visitante inicia a exploração do local. Atualmente, como já citado, esse momento de exploração do espaço não possui monitoria o que é de extrema necessidade, pois ao longo do passeio um guia turístico ou um conhecedor (a) da história local à transmitiria com muito mais informações e carregada de todos os detalhes que passam despercebidos.

Em uma dimensão de escalada, por meio de 136 degraus é possível acompanhar a ativa presença do venerado Teófilo em quase todos os feitos ali expostos, uma contemplação pelos alicerces da união do povo, que liderados por ele construíram a própria Igreja, mobilizando a comunidade para juntos edificar a casa de Deus. Após subir 29 degraus encontram-se expostos alguns de seus bens guardados: túnica diária, vestimenta para celebração de missas, casula para atos fúnebres, casula e alvas para missas de célebres e sexta-feira santa, pertences de uso pessoal, objetos utilizados durante as missas, sobrepelis (roupa usada pelo padre e bispo), certidão de nascimento e atestado de óbito.



Figura 15 - Objetos pessoais de Frei Teófilo. (Fonte: Marceane Catia Santolin Biscaro, 2017)

A produção de uma exposição requer pesquisa e planejamento bem como a conservação como já discutido. A preocupação em aproximar o visitante com a rotina de Frei Teófilo, por intermédio de objetos materiais, conectam-se em um elo de proximidade. Ver e ler o que está exposto consentem a ideia de pertencimento. Se para o munícipe machadinhense essa representação aproxima-o do passado, o leigo é capaz de imaginar como tudo se constituiu, propagando as particularidades de um pequeno local, composto por pessoas simples que acreditaram nos sonhos de um líder a ponto de incluí-lo como patrimônio histórico do município.

Sendo assim, o papel de representação, e da própria intitulação de identidade é reproduzida pelo espaço do Museu. Recortes históricos, datas, fatos, empreendimentos, lutas políticas sendo socializadas como parte do patrimônio local.

CONCLUSÃO

A religiosidade compôs de forma permanente a identidade da população machadinhense. Aliada a ela, a intervenção de um líder religioso, com a relação direta do homem ao sagrado, demarcou limites territoriais, construções de espaços educativos, edificações para o culto da propagação católica, sociabilidade e avanços tecnológicos pensadas para uma melhor qualidade de vida local.

Com base em bibliografias acessadas, a presença da representação do Frei, carrega grande importância para o abarcamento dos mecanismos pelos quais os indivíduos delimitam pontos decisivos, onde práticas são geradas pelas representações por meio das quais os mesmos dão sentido ao mundo que é deles, fomentando e privilegiando o ato de crer, alicerçado e um sistema de crenças que produz novos lugares e saberes.

Em meio às necessidades existentes e na crença do poder instituído a um padre, o retorno ao passado por meio da memória como matéria-prima para produções e história de vida cotidiana, ensejaram uma espécie de recriação do passado, uma valorização de sujeitos, costumes, rotina e originalidades por meio de narrativas testemunhais do tempo presente, capazes de servir como instrumento para resgatar heranças culturais intocáveis.

O acesso a esfera do patrimônio permite considerar sobre tudo, a sua função social. Por meio dele, seja de forma material ou imaterial, os seres humanos são capazes de construir relações com outros membros de sua própria cultura, com outras ou ainda com as gerações antecedentes, desenvolvendo assim suas identidades. Visto ao patrimônio, o museu analisado, apresenta visivelmente a sua razão de ser e de existir alcançando os objetivos pensados, promovendo sua função social e sendo um espaço de ação na sociedade. Muito embora tenha-se se esbarado na conservação e estruturação de um espaço padronizado que pouco atende as regras básicas de exposição, o que pode provocar uma descontextualização dos objetos, a simplicidade do espaço, a disposição dos objetos, a linguagem acessível e a narração da história acaba falando por si servindo como palco das suas lutas, transcendendo a sua representatividade.

O desenvolvimento deste estudo possibilitou um resgate da história local e apresentou evidentemente a presença viva de Frei Teófilo Antoniazzi como norteador de tamanho processo de crescimento. Partindo da constituição de Machadinho enquanto distrito de Lagoa Vermelha, contornando seu processo de evolução emancipatória e política administrativa, suas lutas, dificuldades, força religiosa, chegando à repercussão atual da representatividade do indivíduo.

Ancorada na micro-história como forma de diagnóstico, as análises a cerca da trajetória de Frei Teófilo em Machadinho permearam diferentes instrumentos capazes de fornecer considerações base para este estudo. O acesso a produções bibliográficas, embora em baixa escala dada a falta de produções sobre a localidade, possibilitaram a identificação da instituição do município. O mecanismo testemunhal, por meio da história oral permitiu um olhar de proximidade entre as casualidades do dia-a-dia e a representação do líder religioso, e não menos importante a análise do Museu Mirante Torres, espaço definido como “a História do Frei”, oportunizou a investigação entre seu propósito de criação e seu real desígnio.

As exposições, como conceitos básicos são o fio condutor da ideia do que se quer mostrar, nisto os conteúdos e o significado de cada artefato exposto se associa e torna evidente um patrimônio construído pelo indivíduo e para o indivíduo o que permite ser revelado pelo espaço do museu. Tendendo para estes aspectos é possível constatar que de fato a contribuição de Frei Teófilo Antoniazzi, seja por meio do monumento que retrata a sua figura, pelo nome da principal Avenida que carimba a sua ativa intervenção ou por meio do espaço que foi estrutura central de nossa narração, a sua trajetória marca de fato a história de Machadinho e que mantém viva a sua memória.

Exalta-se aqui a lástima pela falta de documentos e materiais que traduzam de forma escrita toda a proposta de criação dos mais diferentes espaços considerados parte da história local. Em diferentes esferas e entidades, buscou-se o acesso a leis, decretos e projetos que tratassem dos objetivos, justificativas e finalidades das representações acerca do Frei, tais fontes serviriam neste caso como suporte teórico para uma análise descritiva. Porém, o que se encontrou foi uma falta de conexão entre os representantes que por tese teriam acesso a estas documentações, onde por vezes a indicação era dada a uma entidade e a mesma rebatia indicando outra instituição. De fato, registra-se que se

ainda existem, e assim espera-se que existam, os documentos estão dispersos como registros físicos ou perdidos por estarem “salvos” em suportes eletrônicos.

Retomando as análises, a herança material e imaterial descrita ao longo deste estudo é visível e permanente. Em primeiro ponto tratando-se da materialidade já que o próprio empreendimento, a Igreja, representa a intervenção do Frei na comunidade. Logo ao acessar os primeiros degraus encontram-se a imagem do sacerdote e uma pequena biografia que pontua sucintamente sua história de vida e posteriormente cada passo dado é contado.

Se por um lado a materialidade imortaliza o Frei e seus feitos, a herança imaterial incorpora cada ação deixada como legado ao povo. O patrimônio herdado entrelaça as diferentes dimensões de reconhecimento, uma transmissão de legado, ultrapassando o conceito de ganhar as conquistas materiais alcançados pelo Frei, mas sim de conquistá-las e reproduzir na memória dia após dia, o imaginário de um local comum, carregado de dificuldades, mas sobretudo capaz de ultrapassar esferas e diferenças no rumo do progresso.

Seguindo uma perspectiva na crença religiosa e política, a figura do Frei transporta no imaginário e até mesmo na herança material, o sofrimento vivido para a realização de seus audaciosos sonhos e desejos, dito isso, visto a época em análise. Sua ilustração serve como modelo acessível a todos e a ser venerado, uma espécie de “santidade” local (*grifo da autora*), com uma conduta de vida espiritual e moral exemplar já que por meio de tantas manifestações públicas, mesmo após a sua partida, sua figura permanece viva.

A vida humana está intrinsecamente ligada à vida em sociedade e das relações sociais entre os indivíduos, assim como o imaginário e a memória são compostos pelas esferas do campo material e imaterial. Desta forma a vida de Frei Teófilo a partir de sua chegada em Machadinho e durante os seus 34 anos de atuação frente à instituição católica local, foi pautada na preocupação de desenvolver a localidade trazendo o progresso. Hoje mesmo após a sua morte, em meio ao reconhecimento pela sua determinação, o conto local é pautado na sua figura, um símbolo que faz parte da identidade, memória e vitórias conquistadas.

Por fim, é oportuno considerar o quão importante é abordar temas pontuais, locais, que resgatem pessoas e valores simbólicos que encham ainda mais de orgulho quem fez parte desta ordem de construção de identidades. Neste mesmo viés, abordagens que analisem particularidades, peculiaridades e pequenos espaços e ou personalidades, como desta esfera, também denominada como a “história vista de baixo”, podem servir como uma rica fonte de estudo para a compreensão do passado por intermédio de testemunhos que permitam uma reconstituição imaginária.

REFERÊNCIAS ORAIS

Entrevista concedida por ARALDI, Maria. Entrevista I. [fev. 2017]. Entrevistadora: Marceane Catia Santolin Biscaro. Machadinho, 2017. 1 arquivo .mp3 (26min e 36seg.).

Entrevista concedida por VECCHI, Osvaldo Luiz. Entrevista II. [fev. 2017].

Entrevistadora: Marceane Catia Santolin Biscaro. Machadinho, 2017. 1 arquivo .mp3 (41min e 36seg.).

Entrevista concedida por BIESEK, Ligia de. B. Entrevista III. [mar. 2017].

Entrevistadora: Marceane Catia Santolin Biscaro. Machadinho, 2017. 1 arquivo .mp3 (14min e 03seg.).

Entrevista concedida por VIEIRA, Dirceu. Entrevista IV. [mar. 2017]. Entrevistadora: Marceane Catia Santolin Biscaro. Machadinho, 2017. 1 arquivo .mp3 (16min e 22seg.).

Arquivo V , em mp3 com narrativa de Frei Teófilo Antoniazzi – Gravação cedida por Maria Araldi. Fev. 2017. 1 arquivo .mp3 (35min e 36seg.)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Histórias dentro da História**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

ARÓSTEGUI, Julio. **A pesquisa histórica**. Teoria e método. Bauru: Edusc, 2006
GOMES, MAAF., org. Urbanismo na América do Sul: circulação de ideias e constituição do campo, 1920-1960[online]. Salvador: EDUFBA, 2009. 298 p. ISBN 978-85-232-0612-3. Disponível em <<http://books.scielo.org>> acesso em 08 de out.2016.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1997.

BRULON SOARES, Bruno C. **Quando o museu abre portas e janelas: o reencontro com o humano no museu contemporâneo**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO / Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST. Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, 2008.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Tradução: Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CHIOVATTO, Milene. **Museu, imaginação e formação dos sujeitos: a experiência da Pinacoteca do Estado de São Paulo**. Disponível em: <http://www.gedesc.unesc.net/seilacs/museuexperiencia_mila.pdf> Acesso em: 29 de mar. 2017.

CURY, Marília Xavier. **Exposição: concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2005. 162 p.

FONSECA, Maria Cecília Londres. A construção do patrimônio: perspectiva histórica. In: _____. **O Patrimônio em processo: Trajetória da política federal de preservação no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005. P. 51-78.

GOMES, Sônia de Conti. **Técnicas alternativas de conservação** – Um manual de procedimentos para manutenção, reparos e reconstituição de livros, revistas, folhetos e mapas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992.

GONÇALVES, Willi de Barros. SOUZA, Luiz Antônio Cruz. **Edifícios que abrigam coleções: Tópicos em conservação preventiva**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

GUARNIERI, W.R.C. - **Museu, Museologia, Museólogos e Formação**. IN: **Revista de Museologia**. ano 1, nº 1. Instituto de Museologia de São Paulo / FESP. São Paulo (1989).

GUIMARÃES, Lygia. **Preservação de acervos culturais**. In: SILVA, Maria Celina Soares de Melo e. **Segurança de acervos culturais**. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2012.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN, 1999.

LEMOS, Carlos A. C. ***O que é patrimônio histórico***. São Paulo: Brasiliense, 2006.

LEVI, Giovanni. **A herança imaterial**. Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LEVI, Giovanni. **“Sobre a micro-história”** In: BURKE, Peter (org). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

MARTINS, Jéferson Antonio; SOARES, Talita de A. de Telemberg. **Manual de conservação e restauração**. In: **Ágora – Revista da Associação de Amigos do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina**. Ano VI. Florianópolis, 1991.

MASO, Marines F. **Machadinho Sua História e Religiosidade**. Tapejara: Universal, 2015.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2005.

MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS (MAST). **Documentação em Museus**. V.10. Rio de Janeiro: MAST, 2008. Anais... Rio de Janeiro: MAST Colloquia, 2008, p. 23- 33.

OLIVEIRA, Ernesto. **Apontamentos sobre museologia, Museus Etnográficos**. Junta de Investigações do Ultramar, Centro de Estudos de Antropologia Cultural: Lisboa , 1971.

OLIVEIRA, Ubiratan Alves de; LIMA, Ervino José de. **Um pouco da história de Nossa Querida Terra: Machadinho: IMPLA**. 1978

PAIVA, A. R. **Cidadão: uma comparação entre Brasil e Estados Unidos**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

REVEL, Jacques (org.). **Jogos de Escala: a experiência da microanálise**. Tradução Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

REVEL, Jacques (org.) “*Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado*”. Revista Brasileira de Educação, vol. 15, n. 45, set./dez. 2010.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa** (tomo I). Campinas, São Paulo: Papirus, 1994.
_____. **A memória, A história, o esquecimento**.
Campinas: Unicamp, 2008.

ROSENTAL, Paul. “**Construir o “macro” pelo “micro”**: Fredrik Barth e a “microstoria”” In: REVEL, Jacques (org.) **Jogos de Escala. A Experiência da Microanálise** Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2000 .

SILVA, Sandra Siqueira da. **A Patrimonialização da cultura como forma de desenvolvimento**: Considerações sobre teorias do desenvolvimento e o patrimônio cultural. Aurora, [São Paulo], v.7, n7, p. 106-113, jan. 2011.

SILVA, V. P.; BARROS, D. D. **Método história oral de vida**. Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo, v. 21, n. 1, p. 68-73, jan./abr. 2010

VIEIRA DE MEDEIROS, Maria do Carmo. **Museu e sociabilidade**: o papel do museu na educação patrimonial e incentivo à cultura - V Colóquio de história. Recife.

Disponível em: <<http://www.unicap.br/coloquiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/5Col-p.785-794.pdf>> Acesso em: 29 de mar. 2017.

TEIXEIRA, Lia Canola. GHIZONI, Vanilde Rohling. **Conservação preventiva de acervos**. Florianópolis: FCC, v.1. p.56-74. 2012.

ANEXO 01

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

As perguntas estão estruturadas em uma espécie de análise progressiva que irá construir a narrativa do 2º capítulo associada aos apontamentos, citações dos textos indicados, considerando primeiramente o imaginário por meio dos relatos e a questões de representação e posteriormente com a morte do Frei uma discussão patrimonial/Museu, acervo...

- 1 – Como era conduzida e estruturada a sociedade antes da vinda do Frei;
- 2 – E a religião, a Igreja Católica como era conduzida;
- 3 - Como a Sr(a) recorda a nomeação e a chegada de Frei Teófilo á cidade de Machadinho?
- 4 – Como foi o envolvimento político na localidade/emancipação;
- 5 – Passos das conquistas trazidas por ele (escola, luz elétrica, hospital, construção da Igreja Matriz)
- 6 – Descreva as características do Frei; Como ele era;
- 7 – Como era o dia a dia do líder religioso? – pergunta mais pessoal para Dona Maria:
 - Hábitos /Rotina/Comportamento/ o que o deixava feliz ou aborrecido/ vontades/ qualidades/Defeitos/sonhos.
- 8 – O que significou sua vinda e permanencia no município;
- 9 – Deixe seu parecer sobre o museu, avenida e monumento que levam o seu nome e contam a sua história.

ANEXO 02

AUTORIZAÇÕES PARA DISPONIBILIZAÇÃO DE ENTREVISTA